

Santo Agostinho

Solilóquios

Tradução de: Souza Campos, E. L. de

TEODORO EDITOR

Niterói – Rio de Janeiro – Brasil

2018

Solilóquios

ou

O conhecimento de Deus e da alma humana.

Santo Agostinho

Introdução¹

1

Escrevi, inspirado por meu zelo e meu amor, um livro para procurar a verdade sobre as coisas que eu desejava, sobretudo, conhecer, me interrogando e me respondendo, como se fôssemos dois, a razão e eu, embora eu fosse um só. Por isso chamei este livro de **Solilóquios**.

Mas ele ficou imperfeito. No entanto, a primeira parte investiga e mostra o que deve ser aquele que quer possuir a sabedoria; essa sabedoria que não é percebida pelos sentidos, mas pelo intelecto. No final desta parte fica estabelecido que o que é verdadeiro é imortal.

Na segunda parte discorre-se longamente sobre a questão da imortalidade da alma. Mas a discussão não é levada completamente até o fim.

¹ Das Revisões. Livro I, cap. IV.

2

Neste livro, eu não aprovo o que disse em uma prece: *Ó Deus, que quis que só os corações puros conhecessem a verdade*². Pode-se argumentar que muita gente que não tem o coração puro sabem muitas verdades e eu não defini aqui qual é o gênero de verdade que somente os corações puros podem conhecer. Eu não defini também o que é saber.

O mesmo acontece com esta passagem: *Ó Deus, que tem por reino o mundo que os sentidos não podem perceber*³.

Seria preciso acrescentar, tratando-se de Deus: *os sentidos de um corpo mortal*. Se for o caso do mundo que os sentidos ignoram, ou seja, o mundo futuro formado por um céu novo e uma terra nova⁴, seria preciso acrescentar também: *os sentidos de um corpo mortal*.

Mas eu empreguei a maneira de falar que só reconhece à palavra *sentido* o significado de *sentido corpóreo*.

Não preciso repetir sempre as observações que fiz sobre este tema. É preciso se reportar a elas todas as vezes que emprego esta locução em minhas obras.

² Livro I, cap. 2.

³ Livro I, cap. 3.

⁴ Cf. Apocalipse 21: 1. *Vi, então, um novo céu e uma nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra desapareceram e o mar já não existia.*

3

Quando eu falo do Pai e do Filho: *Em vós, aquele que gera e a-quele que é gerado é um só*⁵, eu devia ter dito *são um*, como a própria divina Verdade diz: *Eu e o Pai somos um*⁶.

Desagrada-me também ter dito que, nesta vida, a alma, ao conhecer Deus, já é bem-aventurada, mesmo que seja só na esperança.

Da mesma forma, esta passagem soa mal: *Não há somente um caminho que leva à sabedoria*⁷. Não pode haver outro caminho que não seja Jesus Cristo, que disse: *Eu sou o caminho*⁸. Eu deveria ter evitado ofender os ouvidos religiosos, embora, no entanto, sejam outros os caminhos e outras as veredas cantadas pelo Salmista: *Senhor, mostrai-me os vossos caminhos e ensinai-me as vossas veredas*⁹.

Depois, quando escrevi: *Fuja inteiramente de todas as coisas sensíveis*¹⁰, eu deveria ter evitado parecer adotar a falsa máxima de Porfírio, que afirma que é preciso fugir de tudo o que é corpóreo. É verdade que eu não disse *de todas as coisas sensíveis*. Eu disse *dessas coisas*. Ou seja, das coisas corruptíveis. Mas, teria sido melhor ter dito: tais

⁵ Livro I, cap. 4.

⁶ João 10: 30.

⁷ Livro I, cap. 23.

⁸ João 14: 6.

⁹ Salmo 24: 4.

¹⁰ Livro I, cap. 24.

coisas sensíveis não existirão nos novos céus e na nova terra do mundo futuro.

4

Em outro trecho eu disse: *Assim são as mentes bem formadas nas artes liberais. Essas artes são tiradas delas mesmas pelo estudo. É como se elas estivessem enterradas no esquecimento e desenterradas de alguma forma*¹¹. Eu lamento esta última frase.

É, de fato, mais crível que mentes que se interroguem bem encontrem respostas verdadeiras para matérias que elas não estudaram. Isto advém do fato de que a luz da razão eterna na qual elas veem essas verdades imutáveis, lhes está presente, na medida em que elas podem recebê-la e não por que elas as conheceram antes e as esqueceram, como pensam Platão e alguns outros.

Esta opinião eu a combati quando tive a oportunidade, no 12º livro sobre a Trindade¹².

Este livro começa assim: *Eu busquei por muito tempo saber o que podia me fazer bem e o mal que eu devia evitar.*

¹¹ Livro II, cap. 35.

¹² Livro XII, cap. XV.

Livro I

Agostinho se propõe a adquirir o conhecimento de Deus e de si mesmo. Ele solicita primeiramente a ajuda do céu. Após ter reconhecido a excelência da doutrina que ele quer adquirir, ele conversa com ele mesmo sobre os meios de aumentar a pureza de sua alma, com o objetivo de chegar com segurança à contemplação de Deus. No fim deste livro ele estabelece que tudo o que é verdadeiro é imortal.

Capítulo 1

Eu busquei por muito tempo saber o que podia me fazer bem e o mal que eu devia evitar. Provoquei por muito tempo em minha mente e comigo mesmo um grande número de pensamentos diversos.

Subitamente, uma voz fala comigo. Essa voz, o que era? Era algo estranho, algo interior? Eu não sei e é isso, principalmente, o que eu quero saber.

Essa voz me diz então:

— Vamos, trate de encontrar alguma coisa. Mas, a quem você confiará suas descobertas, para poder fazer outras?

Agostinho: — Sem dúvida à memória.

Razão: __ Ela é suficientemente grande para conservar fielmente todos os seus pensamentos?

Agostinho: __ Isso é difícil, ou melhor, impossível.

Razão: __ É preciso escrever. Mas como, já que sua saúde se recusa a esse esforço? Aliás, essas ideias não podem ser ditadas. Elas exigem uma profunda solidão.

Agostinho: __ O que você diz é verdade e eu não sei também o que fazer.

Razão: __ Peça vida e saúde para obter o que você deseja. Escreva suas ideias, para que essa criação de sua mente o inspire mais ardor para o bem. Resumam em seguida brevemente o que você tiver percebido, sem se preocupar em atrair um grande número de leitores por enquanto. Suas ideias serão suficientemente desenvolvidas para o pequeno número de seus concidadãos.

Agostinho: __ É isso o que farei.

Capítulo 2

Ó Deus, criador do universo! Conceda-me primeiramente que eu peça corretamente. Depois, faça-me digno de ser atendido por vós. Por fim, libertai-me!

Ó Deus, por quem todas as coisas que não teriam existência por elas mesmas, existem.

Ó Deus, que não deixa perecer as criaturas, mesmo que elas se destruam umas às outras.

Ó Deus, que criou do nada este mundo, que os olhos de todos os humanos veem como sua mais bela obra¹³.

Ó Deus, que não foi o autor do mal e que o permite para prevenir um mal maior.

Ó Deus, que mostra, ao pequeno número daqueles que se voltam para a verdade, que o próprio mal não é nada.

Ó Deus, que dá a perfeição ao universo, mesmo com defeitos.

Ó Deus, cujas obras não oferecem nenhuma dissonância, já que o que há de mais imperfeito responde ao que há de melhor.

Ó Deus, que ama todas as criaturas que pode amar, sabendo elas ou não.

Ó Deus, em quem são todas as coisas e que não sofre nada; nem a vergonha, nem a maldade, nem os erros de qualquer criatura que seja.

Ó Deus, que quis que só os corações puros conhecessem a verdade¹⁴.

Ó Deus, pai da verdade, pai da sabedoria, pai da verdadeira e soberana vida, pai da beatitude, pai do bom e do belo, pai da luz inteligí-

¹³ Embora convertido há pouco tempo, Santo Agostinho expressa nesta passagem a necessidade e o poder da graça com muita força e isso em uma obra puramente filosófica e em uma época em que ele não podia estar ainda familiarizado com a linguagem da teologia.

¹⁴ Cf. *Revisões*. Livro I, cap. IV, seção 2.

vel, pai das advertências e das inspirações que dissipam nosso torpor, pai daquele que nos ensinou a nos voltarmos para vós.

Capítulo 3

Eu vos invoco, ó Deus da verdade! Em quem, de quem e por quem são verdadeiras todas as coisas que são verdadeiras.

Ó Deus de sabedoria! Em quem, de quem e por quem são sábios todos os seres dotados de sabedoria.

Ó Deus, verdadeiro e soberana vida! Em quem, de quem e por quem vivem todos os seres que possuem a verdadeira e soberana vida.

Ó Deus de beatitude! Em quem, de quem e por quem são felizes todas as criaturas que desfrutam da felicidade.

Ó Deus, bondade e beleza! Por quem, de quem e em quem são boas e belas todas as coisas que possuem a bondade e a beleza.

Ó Deus, luz inteligível! Em quem, de quem e por quem se tornam inteligíveis todas as coisas que brilham em nossa mente.

Ó Deus, que tem por reino o mundo que os sentidos não podem perceber.

Ó Deus, que governa vosso reino com leis cuja marca trazem os impérios terrestres.

Ó Deus, se se desviar de vós é cair, se se converter a vós e se er-guer; se permanecer em vós é se conservar. Ó Deus, se se retirar de vós

é morrer; se retornar a vós é reviver; se habitar em vós é viver. Ó Deus, que ninguém vos deixe, a não ser enganado; que ninguém vos procure se não for chamado; que ninguém vos busque se não estiver purificado.

Ó Deus, abandonar a vós é perecer. Estar atento a vós é vos amar. Ver a vós é vos possuir.

Ó Deus, é para vós que a fé nos desperta; é a vós que a esperança nos ergue; é a vós que a caridade nos une.

Ó Deus, por quem triunfamos sobre nossos inimigos, eu vos imploro.

Ó Deus, é a vós que devemos o não perecer inteiramente; é a vós que exortamos ao despertar; sois vós que nos fazes distinguir o bem do mal; sois vós que nos fazes abraçar o bem e fugir do mal; é com vosso socorro que resistimos às adversidades; é por vós que sabemos comandar bem e bem obedecer; sois vós que nos ensinais a ver como estranhas as coisas que outrora julgávamos nos pertencer; sois vós que impedis em nós a afeição aos prazeres e atrativos maléficis; sois vós que não permitis que as vaidades do mundo nos apequenem; é por vós que o que é superior em nós não é submetido ao que é inferior em nós; é por vós que a morte será absorvida em sua vitória¹⁵; sois vós que nos converteis; sois vós que nos despis daquilo que não é e nos vestis daquilo que é; sois vós que nos tornais dignos se ser atendidos; sois vós que nos

¹⁵ Cf. Coríntios 15: 54.

fortaleceis; sois vós que nos convenceis de toda verdade; sois vós que nos sugeris bons pensamentos, que não nos oculta o sentido e que não permitis a ninguém que nô-los oculteis; sois vós que nos lembrais do caminho; sois vós que nos conduzis à porta; sois vós que fazes abrir aos que batem¹⁶; sois vós que nos dais o pão da vida; é por vós que desejamos beber da fonte que deve nos saciar para sempre¹⁷; sois vós que viestes convencer o mundo sobre o pecado, sobre a justiça e sobre o julgamento; é por vós que aqueles que não acreditam não abalam nossa fé; é por vós que não aprovamos o erro daqueles que pensam que as almas não merecem nada de vós; é por vós que não somos sujeitos aos elementos fracos e pobres¹⁸.

Ó Deus, que nos purificais e nos preparais para as recompensas eternas, seja-nos propício!

Capítulo 4

Ó Deus, que sois tudo o que eu acabo de dizer, venha em meu socorro!

Vós sois a única substância eterna e verdadeira, onde não há discórdia, confusão, mudança, carência e nem morte, mas soberana concórdia, evidência soberana, soberana imutabilidade, soberana plenitude,

¹⁶ Cf. Mateus 7: 8.

¹⁷ Cf. João 6: 35.

¹⁸ Cf. Gálatas 4: 9.

soberana vida. Nada falta em vós, nada é supérfluo em vós. Em vós, aquele que gera e aquele que é gerado é um só.

Ó Deus, é a vós que estão submetidas todas as criaturas capazes de submissão. É a vós que obedece toda alma boa. Segundo vossas leis os polos se voltam, os astros seguem seu curso, o sol ativa o dia, a lua repousa a noite.

Nos dias que formam as vicissitudes da luz e da obscuridade; nos meses de crescimento e decrescimento da lua; nos anos que compõem as sucessões do verão, do outono, da primavera e do inverno; nos momentos em que o sol conclui seu curso; no meio dos orbes imensos que descrevem os astros para retornarem sobre eles mesmos; o mundo inteiro observa ___ na medida em que a matéria insensível é capaz disso ___ uma constância invariável na marcha e nas revoluções do tempo.

Ó Deus, sois vós que ___ através das leis constantes que estabeleceis ___ afastais a perturbação do movimento perpétuo das coisas móveis e que, através do freio dos séculos que se escoam, lembram a esse movimento a imagem da estabilidade.

Vossas leis dão à alma o livre arbítrio e, de acordo com regras invioláveis que nada pode destruir, atribuem recompensas aos bons e castigos aos maus.

Ó Deus, é de vós que nos vem todos os bens; sois vós que impedis os males de nos atingirem.

Ó Deus, nada está acima de vós; nada está fora de vós; nada é sem vós.

Ó Deus, tudo está sujeito a vós; tudo está em vós, tudo é convosco; vós fizestes o ser humano à vossa imagem e à vossa semelhança; é quem conhece aquele que se conhece.

Ouçã, ouçã, ouçã-me, ó meu Deus, ó meu senhor, meu rei, meu pai, meu criador, minha esperança, meu bem, minha glória, minha morada, minha pátria, minha salvação, minha luz, minha vida.

Ouçã, ouçã, ouçã-me, à luz do pouco que vos conheço!

Capítulo 5

Enfim, eu só amo a vós, eu só quero seguir a vós, eu só busco a vós, eu só estou disposto a servir a vós, só vós tendes o direito de me comandar, eu só desejo ser vosso.

Comandais, eu vos imploro, prescreveis tudo o que desejais. Mas curai e abri meus ouvidos para que eu ouçã vossa voz. Curai e abri meus olhos, para que eu possa perceber os sinais de vossa vontade. Afastai de mim a tolice, para que eu vos conheça. Diga-me para onde eu devo olhar para vos ver e tenho confiança de que realizarei fielmente tudo o que me ordenares.

Receba, eu vos imploro, ó Deus e pai mui misericordioso, este fugitivo em vosso império!

Ah! Eu sofri por muito tempo. Por muito tempo eu fui escravo dos inimigos que vós tivestes sob os pés. Por muito tempo fui juguete de enganações.

Sou vosso servidor. Eu escapo da escravidão desses senhores odiosos. Receba-me! Para eles eu não passava de um estranho e quando eu fugi para longe de vós, eles me receberam bem. Eu senti que precisava retornar a vós.

Eu bato a vossa porta; que ela me seja aberta. Ensinai-me como chegar até vós. Eu não possuo nada além de minha vontade. Eu não sei nada além de que é preciso desprezar o que é cambiante e passageiro, para buscar o que é imutável e eterno.

Isto é o que eu faço, ó meu Pai! Por que isto é a única coisa que sei. Mas, eu ignoro como se pode chegar até vós.

Inspirai-me, esclarecei-me, fortificai-me!

Se for pela fé que vós encontrais quem vos buscam, dai-me a fé! Se for pela virtude, dai-me a virtude! Se for pela ciência, dai-me a ciência!

Aumentai em mim a fé, aumentai a esperança, aumentai a caridade!

Oh! Que vossa bondade seja admirável e singular!

Capítulo 6

Eu vos desejo e é a vós que eu peço os meios de seguir esse desejo.

Se vós nos abandoneis, perecemos. Mas vós não abandonais, por que vós sois o soberano bem e ninguém jamais vos procurou com correção sem encontrar-vos. A esses que vos procuraram com correção, vós concedestes a graça de vos procurar com correção. Fazeis ó Pai, com que eu o procure!

Preservai-me do erro e que eu, ao buscar-vos, só encontre a vós. Se eu só desejo a vós, fazeis, ó Pai, com que eu vos encontre, enfim!

Se restam em mim alguns desejos de bens passageiros, purificai-me e tornai-me capaz de vos ver!

Quanto à saúde deste corpo mortal __ como eu sei de que utilidade ele pode ser para mim ou para aqueles que eu amo __ eu a confio inteiramente a vós, ó Pai soberanamente sábio e soberanamente bom! Eu vos pedirei para ela o que vós me inspirardes ser necessário.

O que eu somente solicito de vossa soberana clemência é que me converta inteiramente a vós; é que me impeçais de resistir à graça que me leva para vós. E, enquanto eu habitar este corpo mortal, faça com que eu seja puro, magnânimo, justo, prudente; que eu ame perfeitamente e que eu receba vossa sabedoria; que eu seja digno de habitar e que eu habite de fato o reino eterno, morada da suprema felicidade.

Que assim seja!¹⁹

Capítulo 7

Agostinho: __ Acabo de rezar a Deus.

Razão: __ O que você quer então saber?

Agostinho: __ Tudo o que eu pedi.

Razão: __ Resuma em poucas palavras.

Agostinho: __ Eu desejo conhecer Deus e a alma.

Razão: __ Você não deseja nada mais?

Agostinho: __ Absolutamente nada.

Razão: __ Pois bem! Comece a procurar. Mas antes, explique a que ponto deve ser alcançado esse conhecimento de Deus que você deseja, para que você possa dizer: isso me basta.

Agostinho: __ Eu ignoro a que grau deve ser alcançado esse conhecimento para que eu possa dizer: isso me basta. Eu creio não conhecer nada como eu desejo conhecer Deus.

Razão: __ O que fazemos então? Você não acha que é preciso primeiro saber qual conhecimento de Deus bastará a você, para que você pare suas buscas, quando o conseguir?

¹⁹ Pode-se comparar esta admirável prece __ onde se mostram com tanta magnificência a imaginação e a ternura de Santo Agostinho __ com a de Fênelon, que termina a primeira parte da demonstração da existência de Deus. Encontra-se nas duas o mesmo entusiasmo e o mesmo amor. Há abundância disso em Santo Agostinho e há mais precisão e talvez um contorno mais poético em Fênelon que, todavia, geralmente só faz reproduzir algumas ideias deste grande Doutor.

Agostinho: __ Eu creio que sim, mas não sei que meios empregar para isso. Se eu jamais vi algo de semelhante a Deus, como eu posso dizer: eu quero compreender Deus como eu compreendo esse ser?

Razão: __ Você não conhece ainda Deus; como você sabe que não conhece nada de semelhante a Deus?

Agostinho: __ Se eu conhecesse algum ser semelhante a Deus, sem dúvida eu o amaria. Mas, eu só amo agora Deus e a alma e eu não conheço nem um e nem outro.

Razão: __ Você não ama então seus amigos?

Agostinho: __ Amando a alma, como eu posso não amá-los?

Razão: __ Você ama então até os mais vis insetos?

Agostinho: __ Eu disse que amava a alma, não os animais.

Razão: __ Ou seus amigos não são humanos ou você não os ama, pois todo humano é um animal e você acaba de dizer que não ama os animais.

Agostinho: __ Meus amigos são humanos e eu os amo. Não enquanto animais, mas enquanto humanos. Ou seja, por que eles possuem uma alma racional; alma que eu amo até mesmo nos ladrões. A mim é permitido amar a razão em qualquer ser que seja, já que, com justiça, eu odeio aquele que usa mal o que eu amo. Assim, eu amo muito mais meus amigos que fazem, ou pelo menos desejam fazer, o melhor uso dessa alma racional.

Capítulo 8

Razão: __ Eu admito isso. No entanto, se alguém lhe dissesse: "Eu o farei conhecer Deus como você conhece Alípio". Você não o agradecerá e não responderia: "Isso me basta"?

Agostinho: __ Eu o agradecerá, mas não diria que isso me basta.

Razão: __ Por quê? Eu lhe pergunto.

Agostinho: __ Embora eu não conheça Deus como eu conheço Alípio, eu também não conheço Alípio perfeitamente.

Razão: __ Temo que seja pouco conveniente querer conhecer Deus completamente, enquanto que você não conhece Alípio perfeitamente.

Agostinho: __ A objeção não é fundamentada. Em comparação aos astros, o que há de mais vil do que meu jantar? No entanto, eu ignoro o que eu jantarei amanhã e eu posso pretender, sem orgulho, saber qual é a fase da lua que teremos amanhã.

Razão: __ Assim então, bastaria a você conhecer Deus como você sabe qual será a fase da lua amanhã?

Agostinho: __ Isso não me basta. Pois eu devo esse conhecimento aos meus sentidos e ignoro se Deus ou alguma causa escondida da natureza não mudará subitamente a ordem e o curso da lua. Se isso acontecesse, tudo o que eu havia previsto se tornaria falso.

Razão: __ Você acredita que isso possa acontecer?

Agostinho: __ Eu não creio. Mas eu procuro saber e não acreditar. Tudo o que sabemos, podemos dizer que acreditamos; mas nem tudo o que acreditamos nós o sabemos.

Razão: __ Você rejeita então aqui o testemunho dos sentidos?

Agostinho: __ Eu rejeito inteiramente.

Razão: __ E esse amigo que você diz não conhecer perfeitamente, você quer conhecê-lo através da inteligência ou através dos sentidos?

Agostinho: __ O que os sentidos me fizeram conhecer dele __ se é que se pode conhecer alguma coisa através dos sentidos __ não tem nada de vil e eu não lhes peço nada mais do que isso. Mas essa parte que eu amo nele __ ou melhor, o que constitui meu próprio amigo __ eu desejo conhecê-la através da minha inteligência.

Razão: __ Podemos conhecê-la de outra forma?

Agostinho: __ De nenhuma outra forma.

Razão: __ Esse amigo tão íntimo e ao qual você é tão ligado, você não teme então dizer que não o conhece?

Agostinho: __ Por que eu não diria isso? Eu vejo como muito justa a lei da amizade que nos prescreve amar nosso amigo nem mais e nem menos do que nós mesmos. Assim, como eu desconheço a mim mesmo, que injúria eu posso fazer ao meu amigo, ao lhe dizer que ele ainda me é desconhecido? Sobretudo considerando que, eu creio, ele próprio não se conhece muito bem.

Razão: __ Se o que você deseja conhecer é de natureza a só ser percebido pela mente, você não deveria __ quando eu te reprovei a presunção de querer conhecer Deus, enquanto você não conhecia Alípio __ me dar como exemplo sua refeição da noite e a lua, se essas coisas, como você acaba de dizer, entram no domínio dos sentidos.

Capítulo 9

Razão: __ Mas, deixemos isso e agora me responda: se o que Platão e Plotino disseram de Deus é verdadeiro, não basta a você conhecer Deus como eles conheceram?

Agostinho: __ Admitindo que o que eles disseram de Deus é verdadeiro, não necessariamente se deve concluir que eles o conheciam. Muitos falam frequente e longamente do que ignoram. Eu mesmo, tudo o que eu pedi em minha prece, eu falei do que eu desejava conhecer. Eu não desejaria isso se eu já conhecesse. Segue-se daí que eu não poderia falar dessas coisas? Eu não falei delas como compreendidas pelo meu intelecto, mas como foram recolhidas pela minha memória e como foram abraçadas pela fé. Mas a ciência é bem diferente.

Razão: __ Responda-me, por favor. Você não sabe pelo menos o que é uma linha em geometria?

Agostinho: __ Certamente que sei.

Razão: __ E, ao fazer esta proposição, você não teme os acadêmicos?

Agostinho: __ De forma alguma. Eles quiseram que o filósofo jamais se expusesse ao erro, mas eu não sou um filósofo. Assim, não temo afirmar que sei as coisas que eu aprendi. Se, como desejo, eu obtiver a sabedoria, eu farei o que ela me aconselhar.

Razão: __ Eu não rejeito nada do que acaba de dizer. Mas, para continuar nossa busca, você conhece o que se chama de esfera, como você conhece o que é uma linha?

Agostinho: __ Eu conheço.

Razão: __ Você conhece estas duas coisas igualmente, ou você conhece uma melhor do que outra?

Agostinho: __ Eu as conheço igualmente, pois não me engano na ideia de uma ou da outra.

Razão: __ E essas ideias vem a você dos sentidos ou do intelecto?

Agostinho: __ Os sentidos foram para mim, nessa busca, como que um navio. Quando eles me conduziram ao meu objetivo, eu os deixei. Posicionado então em terra firme, eu comecei a meditar. Mas, por muito tempo, meus pés cambalearam. Desta forma, me pareceu mais fácil navegar sobre a terra do que compreender a geometria pelos sentidos, embora eles possam ajudar, quando se começa o estudo dessa ciência.

Razão: __ Você não teme então chamar de ciência o conhecimento que você pode ter dessas coisas?

Agostinho: __ Não, se os estoicos me permitirem. Só ao filósofo eles atribuem a ciência. Confesso que tive disso as ideias que eles não recusam nem mesmo à tolice. No entanto, as reduzo a nada e tive a ciência verdadeira dos objetos sobre os quais você me interrogou. Mas, continue, eu quero ver o objetivo de suas perguntas.

Razão: __ Não se apresse; temos tempo. Escute atentamente para não fazer concessões imprudentes. Eu quero lhe mostrar a felicidade no desfrute das coisas que estão ao abrigo do azar e, como se isso fosse pouca coisa, você me ordena apressar o passo?

Agostinho: __ Que Deus faça como você diz. Interrogue-me à vontade e repreenda-me severamente, se eu me permitir algo assim no futuro.

Capítulo 10

Não é evidente que você não pode partir uma linha em duas em sua largura?

Agostinho: __ Isso é evidente.

Razão: __ Mas, e em seu comprimento?

Agostinho: __ É claro que ela pode ser cortada ao infinito.

Razão: __ Também não é evidente que dentre todos os círculos de uma esfera que passarem em uma parte mais ou menos afastada do centro, não haverá dois que sejam iguais?

Agostinho: __ Isso também é evidente.

Razão: __ O que é uma linha e o que é uma esfera? Parecem a você que são uma mesma coisa ou elas diferem entre elas?

Agostinho: __ Quem não vê que elas diferem muito?

Razão: __ Mas, se você conhece igualmente essas duas coisas e se, no entanto, como você mesmo admite, elas diferem muito entre elas, há então uma ciência igual para coisas diferentes?

Agostinho: __ Quem foi que negou isso?

Razão: __ Você mesmo, agora há pouco, quando eu lhe perguntei como você gostaria de conhecer Deus, para poder dizer que esse conhecimento lhe bastava. Você me respondeu que não podia explicar, por que você não conhecia nada da maneira como você gostaria de conhecer Deus e não conhecia nada de semelhante a ele. O que você dirá então agora? Uma linha e uma esfera são semelhantes?

Agostinho: __ Quem ousaria dizer isso?

Razão: __ Eu perguntei a você não o que você conhece de semelhante a Deus, mas o que você podia conhecer da mesma maneira como você deseja conhecê-lo. Ora, você conhece uma linha como você conhece uma esfera. Responda-me então se basta a você conhecer Deus

como você conhece essa figura geométrica, ou seja, a ponto de não duvidar de Deus como você não duvida da esfera.

Capítulo 11

Agostinho: __ Permita-me! Embora você me apresse vivamente e mesmo que você tenha me convencido, eu não ousa, no entanto, dizer que gostaria de conhecer Deus como eu conheço essas figuras geométricas, pois vejo aqui diferenças, não apenas nas coisas, como também na própria ciência. Primeiramente, uma linha e uma esfera não diferem tanto assim entre elas, para não serem abordadas por uma mesma ciência. Mas nenhum geômetra se vangloriou de demonstrar Deus. Depois, se a ciência de Deus e a dessas verdades geométricas fosse a mesma coisa, eu experimentaria tanto prazer em encontrá-la quanto espero experimentar quando conhecer Deus. No entanto, eu desprezo tanto a primeira ciência, em comparação com a de Deus, que me parece às vezes que se eu o compreendesse e o visse como ele pode ser, todas as outras ciências se apagariam da minha memória. Já seu amor mal permite que essas ideias se apresentem em minha mente.

Razão: __ Eu entendo que você experimente muito, muito mais prazer no conhecimento de Deus do que no das outras verdades. Essa diferença se deve à natureza das coisas concebidas, não ao intelecto que concebe. Não fosse assim, você não teria o mesmo olho para ver a terra

e a extensão dos céus, já que um desses aspectos o encanta muito mais do que o outro. Suponhamos que seus olhos não o enganem. Se lhe perguntassem: "Você está tão certo de ver a terra como o céu?" Você deveria responder, eu creio, que a certeza é igual, embora você não experimente a mesma alegria ao contemplar a beleza da terra, quanto a grandeza e o brilho do céu.

Agostinho: __ Esta comparação me impressiona __ confesso __ e me determino a convir que, na medida em que a terra difere do céu, também as verdades matemática indiscutíveis diferem da majestade inteligível de Deus.

Capítulo 12

Razão: __ Você faz bem em ficar impressionado e a razão que conversa com você lhe promete mostrar Deus tão bem à sua mente quanto o sol se mostra aos seus olhos. O espírito, de fato tem olhos; são os sentidos da alma. As verdades indiscutíveis das ciências são como os objetos que precisam ser iluminados pelo sol para serem vistos, como a terra e as outras coisas terrestres, mas é Deus mesmo quem ilumina o espírito. Para mim, que sou a razão, sou nos intelectos o que a faculdade de ver é para os olhos, pois ter olhos não é enxergar e enxergar não é ver.

Assim, a alma precisa de três coisas: ter bons olhos que lhe possam servir bem, olhar e ver. Ora, tem bons olhos o espírito puro, livre do contágio dos sentidos, ou seja, curado e libertado da cupidez das coisas terrestres. Essa libertação só pode ser feita, inicialmente, pela fé.

A alma, de fato, só pode ver na medida em que esteja saudável. Se então ela não acredita que possa ver o que é possível ver, mostrar-lhe algo enquanto ela ainda está maculada pelos vícios e pela doença, faz com que ela não se aplique em recuperar a saúde.

Mas se ela acreditar que pode ver Deus se estiver curada, como estamos dizendo, o que acontecerá se ela se desesperar com sua cura? Ela não se abaterá, se negligenciará completamente e se recusará a obedecer as prescrições do médico?

Agostinho: __ É bem isso que pode acontecer, pois esses preceitos só podem parecer duros para a alma doente.

Razão: __ É preciso então acrescentar esperança à fé.

Agostinho: __ É o que eu acho.

Razão: __ E se a alma acreditar que esse conhecimento de Deus é possível, uma vez curada, se ela espera sua cura sem, no entanto, amar, sem desejar a luz que lhe é prometida e pensando ter que se contentar com as trevas que se lhe tornaram agradáveis pelo hábito, ela não desprezará também o médico?

Agostinho: __ Isso é incontestável.

Razão: __ A caridade é então também necessária?

Agostinho: __ Nada, absolutamente, é mais necessário.

Razão: __ Então, sem estas três virtudes, nenhuma alma se cura e se torna capaz de ver, ou seja, conhecer Deus.

Capítulo 13

Quando ela tiver os olhos curados, o que lhe restará a fazer?

Agostinho: __ Ele deverá olhar.

Razão: __ O olhar da alma é a razão. Mas, como nem sempre é suficiente olhar para ver, o olhar correto e verdadeiro, ou seja, aquele que faz ver, é considerado uma virtude, pois é uma virtude a razão correta e verdadeira. Ora, esse olhar não pode ser aplicado à luz dos luz, mesmo curados, sem estas três virtudes: a fé, para acreditar, como é ensinado, que se será feliz ao contemplar o objeto para o qual se deve voltar o espírito; a esperança, para contar com a visão de Deus, quando se tiver voltado convenientemente para ele; a caridade, para desejar vê-lo e possuí-lo. É então que esse olhar consegue ver Deus, sua finalidade. Não que este seja seu fim, mas por que ele não tem mais nada que procurar. É nisto que consiste a verdadeira perfeição ou a razão que atinge seu fim e que merece a vida feliz. Ora, essa visão de Deus é um ato do intelecto que está na alma e supõe dois termos: o que concebe e o que é concebido. Da mesma forma como, na visão corpórea, são neces-

sários dois termos: o olho que vê e o objeto visível. Suprima um ou outro e não se pode ver nada.

Capítulo 14

Quando a alma tiver conseguido ver Deus, ou seja, tiver conseguido contemplá-lo, examinemos se estas três virtudes ainda lhe serão necessárias.

Como a fé ainda seria, já que a alma o verá? Ou a esperança, já que ela o possuirá? Quanto à caridade, longe de perdê-la então, ela adquirirá muito mais, pois, quando a alma ver essa verdadeira e incomparável beleza, ela amará mais. Se um violento amor não fixar seu olhar sobre essa beleza e não a impedir de se afastar dela, para qualquer objeto que seja, ela não poderá perseverar nessa visão que faz sua suprema felicidade.

Mas, na medida em que ela está no corpo, por mais perfeitamente que ela veja, ou seja, que conceba Deus __ por que os sentidos ainda cumprem com suas próprias funções e que, se eles não são capazes de nos enganar, eles podem nos fazer hesitar __ pode-se chamar de fé a convicção que lhe resiste e que acredita na eterna verdade.

Assim também, mesmo que nesta vida a alma já seja feliz, quando ela compreendeu Deus, como ela permanece sujeita a todas as dores do corpo, ela deve esperar que, após a morte, todos esses sofrimentos de-

sapareçam. Assim, a esperança não abandona também a alma, enquanto ela estiver sobre a terra. Mas quando, após esta vida, ela tiver se recolhido completamente em Deus, a caridade só permanecerá para fixá-la ali. Não se poderá dizer que ela tenha fé, já que nenhum testemunho enganador procurará afastá-la de lá. Ela não terá também que esperar mais nada, já que possuirá todos os bens com segurança.

A alma precisa então de três coisas: ser purificada, olhar e ver. Quanto às três virtudes __ fé, esperança e caridade __ elas são sempre necessárias para que a alma se purifique e veja Deus. Elas o são também para que a alma veja Deus nesta vida. Mas a caridade bastará na vida futura.

Capítulo 15

Agora, saiba por mim, se o tempo permitir, por essa comparação tirada das coisas sensíveis, como você pode se elevar até o conhecimento de Deus.

Deus é inteligível e os axiomas das ciências que acabamos de mencionar também o são. No entanto, esses dois conhecimentos diferem muito.

A terra é visível, assim como a luz. Mas a terra só pode ser visível se ela for iluminada pela luz. Assim também são os axiomas sobre os quais são fundamentadas as ciências. Cada um deles, assim que são

compreendidos e admitidos sem nenhuma espécie de dúvida, devemos acreditar que não podemos compreendê-los se não formos iluminados pelos raios de outra luz.

Da mesma forma como, no sol, podemos distinguir três coisas ___ que ele existe, que ele é visível e que ele ilumina ___ assim também, no Deus escondido que você quer compreender, pode-se discernir igualmente três coisas: que ele existe, que ele é inteligível e que ele é necessário para conhecer as outras coisas.

Não tenho receio de ensinar a você a conceber Deus e você mesmo. Mas, responda-me: como você recebeu o que eu disse; é provável e verdadeiro?

Agostinho: ___ Somente como provável e devo admitir que eu tinha esperanças mais elevadas, pois, exceto o que você disse sobre a linha e a esfera, você não me disse nada que eu considere como devendo conhecer com certeza.

Razão: ___ Não é de se espantar. Nada lhe foi apresentado ainda, de maneira que você possa se vangloriar de ter verdadeiramente compreendido.

Capítulo 16

Mas, o que nos impede? Coloquemo-nos em marcha. Examine-mos, no entanto, o que deve preceder todas as nossas buscas, se somos puros.

Agostinho: __ A você, se assegurar que pode voltar seus olhos por algum tempo sobre você ou sobre mim. Quanto a mim, responderei às suas questões, se eu vir alguma coisa.

Razão: __ Você ama outra coisa além do conhecimento de Deus e de você mesmo?

Agostinho: __ Eu poderia responder, de acordo com meu sentimento interior, que eu não amo mais nada. Mas eu creio mais correto responder que ignoro, pois, após estar convencido de que nenhuma outra coisa poderia me emocionar, frequentemente acontece de um pensamento entrar em minh'alma e agitá-la muito mais do que eu podia imaginar. Muitas vezes também, embora a ideia de um acontecimento não provocar nenhuma perturbação em minha mente, no entanto, quando ele acontece, ele me perturba muito mais do que eu esperava. Mas, me parece que, neste momento, há três coisas que podem me emocionar: o medo de perder aqueles que amo, o medo da dor e o medo da morte.

Razão: __ Você ama então a vida que levam com você aqueles que lhe são queridos, sua própria saúde e sua própria vida neste corpo. Não fosse assim, você não temeria perdê-los.

Agostinho: __ A coisa é assim mesmo, admito.

Razão: __ Quando acontece de seus amigos não estarem com você e sua saúde não estar tão boa, não acontece de sua alma experimentar um sofrimento? Isso não é uma consequência do que você acaba de dizer?

Agostinho: __ É verdade, não posso negar.

Razão: __ E se, subitamente, você se sentisse curado e se você visse todos os seus amigos desfrutarem com você de um nobre lazer, você não se deixaria levar por arroubos de alegria?

Agostinho: __ Sim, a alguns arroubos. Como eu poderia me conter? Como eu poderia dissimular tão grande alegria, se, como você diz, esses felizes acontecimentos ocorrerem subitamente?

Razão: __ Você ainda é perturbado por todas a doenças e paixões da alma. E que temeridade não é para seu espírito, querer contemplar o sol dos intelectos!

Agostinho: __ Você raciocina contra mim, como se eu não sentisse o quanto minha saúde fez progressos, o quanto de vícios não foram afastados, o quanto me resta ainda por destruir. Faça com que eu obtenha uma completa vitória!

Capítulo 17

Razão: __ Algumas vezes você não vê os olhos do corpo, mesmo com boa saúde, se ferirem e se afastarem da luz do sol, para se voltarem para a escuridão? Você pensa nos progressos que você fez e não pensa no que você quer ver. No entanto, eu discutirei com você esses progressos. Você não deseja nenhuma riqueza?

Agostinho: __ Não! E isso não é de hoje. Eu tenho trinta e três anos e já tem uns quatorze anos que deixei de desejá-la. Se algum acaso a oferecesse para mim, eu só veria nela um meio de suprir minhas necessidades e às necessidades de outros. Uma obra de Cícero me bastou para me convencer que não se deve desejá-la e que se ela vier, deve-se usá-la com sabedoria e prudência.

Razão: __ E as honras?

Agostinho: __ Confesso que só deixei de desejá-las há bem pouco e quase que nestes últimos dias.

Razão: __ Você não deseja uma mulher? Às vezes não gostaria de ter uma bela, casta, controlada, culta ou capaz de ser facilmente instruída por você mesmo e, já que você despreza as riquezas, que trouxesse um dote simplesmente necessário para não perturbar seu sossego, sobretudo se você espera e se você está certo de que ela não lhe provocará nenhum sofrimento?

Agostinho: __ Sejam quais forem as características que você imagine nela, seja ela cumulada de dons, não há nada que eu tenha maior resolução do que a de evitar relacionamentos com uma mulher. Não há nada __ eu penso __ que perturbe mais os progressos do espírito do que as carícias de uma mulher e a união de corpos que é a essência do casamento. Por isso, se é um dever do filósofo __ o que eu ainda não examinei __ buscar ter filhos, aquele que se une a uma mulher com este único objetivo me parece mais digno de ser admirado do que de ser imitado, pois há mais perigo nessa tentativa do que felicidade em conseguí-la. Assim, sou obrigado muito justa e utilmente, creio, pela liberdade da minha alma, a não procurar, a não me ligar a nenhuma mulher.

Razão: __ Neste momento eu não pergunto qual é sua obrigação. Mas, se você ainda luta ou se você já venceu a cupidez, isso é, de fato, questão da saúde de seus olhos.

Agostinho: __ Eu não procuro, eu não desejo nada deste gênero. Eu só me lembro mesmo disso com horror e desprezo. O que você quer mais? E essa feliz disposição do espírito só cresce a cada dia, pois, quanto mais aumenta a esperança de ver essa beleza suprema pela qual eu aspiro tão vivamente, mais todas as minhas emoções e todos os meus prazeres se concentram nela.

Razão: __ E da delicadeza das comidas, ainda te atrai muito?

Agostinho: __ Aquelas das quais eu resolvi me abster, não me tentam de forma alguma. Quanto àquelas das quais eu não me separei, confesso que não posso deixar de desfrutá-las com algum prazer. Mas isso acontece de uma maneira tal que, após tê-las visto e desfrutado, posso me privar delas sem nenhum esforço. Quanto elas não estão sob meus olhos, nenhum obstáculos vem se colocar aos meus pensamentos. Mas, não me interrogue mais, seja sobre o comer ou o beber, seja sobre o prazer do banho e sobre outras volúpias do corpo. Eu só desejo o pouco que seja necessário para minha saúde.

Capítulo 18

Razão: __ Você já fez progressos consideráveis. No entanto, os defeitos que você ainda conserva são um grande obstáculo para ver essa luz eterna. Mas, vou empregar um método que lhe parece fácil para bem assegurar se não nos resta cupidez a domar ou se não fizemos nenhum progresso verdadeiro e se a raiz dos vícios que acreditamos destruídos não sobrevive ainda. Responda a esta pergunta: se você estivesse convencido de não poder se dedicar ao estudo da sabedoria com seus amigos mais queridos, sem uma fortuna considerável para prover todas as suas necessidades, você não desejaria, você não cobiçaria todas as riquezas?

Agostinho: __ Concordo que sim.

Razão: __ E se você estiver convencido de que conduzirá à sabedoria um grande número de pessoas, mas com a condição de receber honras e uma autoridade considerável; se visse também que seus amigos não são capazes de por um freio na cupidez e nem se converter inteiramente a Deus, na medida em que eles também recebessem honras e que só poderiam chegar a elas no caso em que você fosse elevado à glória e à dignidade; você não deveria aspirar e trabalhar energicamente para obtê-las?

Agostinho: __ A coisa seria bem assim como você diz.

Razão: __ Eu não falo mais de mulher, mas é possível que, talvez, você nunca sinta a necessidade de ter uma. No entanto, se ela tivesse um bom patrimônio para oferecer e o oferecesse de bom coração, para prover as necessidades de todos aqueles que você desejasse reunir junto a você em um doce lazer; se, além disso, ela acrescentasse um nascimento bem ilustre, para fazer com que você conseguisse facilmente as honras que você mesmo reconheceu poder ser necessárias; você se permitiria ignorar todas essas vantagens?

Agostinho: __ Quando eu poderia esperar isso?

Capítulo 19

Razão: __ Você me responde como seu quisesse saber neste momento o que você espera. Eu não quero saber qual bem não te atrai

quando ele é recusado a você, mas qual bem poderia seduzi-lo se lhe fosse oferecido. Uma coisa é a cupidez destruída, outra coisa é a cupidez adormecida. Foi neste sentido que alguns filósofos disseram que os viciados eram todos insensatos, a maneira de um estrumeiro, cujos odores fétidos só se sente quando é remexido. É muito diferente quando a cupidez cede por falta de esperança e quando é destruída pela pureza do coração.

Agostinho: __ Não posso te responder isso. No entanto, você nunca me convencerá de que, com a disposição de espírito com a qual estou hoje, eu não avaliar que fiz algum progresso.

Razão: __ Creio que a coisa lhe parece assim por que, mesmo acreditando poder desejar os bens que acabamos de mencionar, você não os deseja por eles mesmos, mas para outra coisa.

Agostinho: __ Foi precisamente o que eu quis dizer. Quando outrora eu desejei as riquezas, eu as desejei precisamente para ser rico. E as honras, que eu confessei ter desejado até o presente momento em minha alma, eu as busquei por, não sei qual brilho que encantou minha imaginação e eu sempre desejei em uma mulher, quando estive envolvido em um relacionamento, reunir a volúpia à boa reputação. Eu tinha então por esses bens uma verdadeira paixão e agora eu os desprezo. E

se, para conseguir aqueles que eu desejo, eu tiver que passar por esses bens inferiores, eu não os busco para desfrutá-los, mas eu os suporto²⁰.

Razão: __ Você tem perfeitamente razão, pois não vejo como se possa chamar de cupidez a busca de um bem que não se deseja, com vistas a outro bem.

Capítulo 20

Razão: __ Mas, eu lhe pergunto: por que você deseja que aqueles que você ama vivam e vivam com você?

Agostinho: __ Para que possamos buscar juntos conhecer Deus e nossas almas, pois aquele que conseguir primeiro chegar à descoberta da verdade, conduzirá sem esforço para ali os outros.

Razão: __ E se seus amigos não quiserem se ocupar com essa busca?

Agostinho: __ Eu os convencerei a querer.

²⁰ Há, na maneira ingênua com a qual Santo Agostinho confessa suas disposições presente com relação aos diferentes objetos das afeições humanas, alguma coisa do encanto que se sente na leitura de suas Confissões. Sente-se que ele não dissimula nada e que sua franqueza é igual à sua sagacidade. O que ele acrescenta sobre as disposições necessárias para conhecer a verdade é incontestável e foi o que Pascal indicou em seus Pensamentos, com a eloquência masculina e imperiosa que o caracteriza: “Eu teria logo deixado esses prazeres, você diz, se eu tivesse fé. E eu lhe digo que você logo teria fé, se tivesse deixado esses prazeres. Ora, cabe a você começar. Se eu pudesse, eu lhe daria a fé. Eu não posso e nem, por consequência, sentir a verdade do que você diz. Mas você pode muito bem deixar esses prazeres e sentir se o que você diz é verdade”. Pode-se acrescentar que, na mesma ordem natural, toda pessoa dedicada aos estudos filosóficos pode fazer essa experiência. O que são, para as pessoas do mundo, essas verdades sublimes que transportam o verdadeiro filósofo? Ou são absurdos, ou conhecimentos sem nenhum valor ou puras quimeras. Mas, cure-se desse mundano amor desenfreado pelos prazeres, aprenda a entrar em si mesmo, a viver a verdadeira vida, ou seja, a vida intelectual e moral e, subitamente, essas verdades que se desconhecia, que se ousava tratar como absurdos, tomarão, aos seus olhos, a evidência que as acompanha e, sobre seu coração, o império que lhes é natural.

Razão: __ Mas, o que aconteceria se você não conseguisse convencê-los, ou por que acreditam já conhecer a verdade ou por que pensam que é impossível descobri-la ou por que estão afastados dessa busca pela cupidez e as preocupações com as coisas terrenas?

Agostinho: __ Eu os suportaria o melhor que eu pudesse e eles fariam o mesmo do lado deles.

Razão: __ Mas, se a presença deles fosse um obstáculo para você e você não pudesse mudar isso; você não agiria, não aspiraria se separar deles, a viver dessa forma com eles?

Agostinho: __ Confesso que a coisa seria assim como você diz.

Razão: __ Você não deseja então nem a vida e nem a presença de seus amigos, propriamente, mas como um meio de atingir a sabedoria?

Agostinho: __ Confesso que sim.

Razão: __ Mas e a sua própria vida; se você estivesse certo de que ela é um obstáculo à aquisição da sabedoria, você desejaria conservá-la?

Agostinho: __ Eu a sacrificaria de boa vontade.

Razão: __ Mas, se você soubesse que pode atingir a sabedoria, seja abandonando este corpo mortal, seja permanecendo unido a ele, é aqui ou em outra vida que você procuraria desfrutar do bem que você ama?

Agostinho: __ Se eu soubesse que não me aconteceria nada de pior do que meu estado atual, nada que me fizesse descer do ponto atual que atingi, eu não me preocuparia com isso.

Razão: __ Assim, você só teme agora a morte pelo medo de cair em uma situação pior, que o prive do conhecimento de Deus?

Agostinho: __ Eu temo não apenas ser privado desse conhecimento __ se é que eu já consegui obter algum __ mas também que todos os caminhos me sejam fechados para chegar ao que eu ainda ambiciono. Espero, no entanto, conservar o que já possuo.

Razão: __ Se você deseja então esta vida, não é também por ela mesma, mas com vistas à sabedoria?

Agostinho: __ Isso é verdade.

Capítulo 21

Razão: __ Resta a dor do corpo, que talvez o perturbe com sua violência.

Agostinho: __ Eu só a temo também por que ela me impede de buscar a verdade. Eu fui atormentado nos últimos dias por uma violenta dor de dentes e eu só pude encontrar em minha mente as coisas que eu já sabia que eram incapazes de me ensinar qualquer coisa e que teriam demandado toda minha atenção. No entanto, me pareceu que, se a luz da verdade se revelasse a mim, eu não sentiria mais a dor ou que, segu-

ramente, eu a suportaria como se fosse nada. Mas, embora eu nunca tenha experimentado sofrimentos mais agudos, ao refletir, no entanto, sobre o quanto eles poderiam ser mais vivos, sou forçado a admitir a opinião de Cornélio Celso²¹, que diz que o soberano bem é a sabedoria e o soberano mal a dor física. A razão que ele apresenta não me parecer ruim. Já que somos compostos, como ele diz, de duas partes, ou seja, de uma alma e de um corpo e que a primeira parte, a alma, é a mais perfeita, o soberano bem deve ser a perfeição da primeira parte e o soberano mal, o que há de mais maléfico na segunda. Ora, a sabedoria é o que há de mais perfeito na alma, como a dor é o que há de pior no corpo. Podemos concluir, eu acho, sem medo de nos enganarmos, que o soberano bem do ser humano é a sabedoria e o soberano mal é a dor.

²¹ Aulo Cornélio Celso abordou em seus estudos o círculo inteiro dos conhecimentos de seu tempo. Quintiliano (Livro XII, Cap. 11) , após ter falado de Catão, o Censor, de Varrão e de Cícero, que, a exemplo de Platão e Aristóteles, escreveram quase sobre todas as ciências, acrescenta que Cornélio Celso tinha acrescentado a elas a arte militar, a agricultura e a medicina. No Livro X, Cap. I, ele o designa como tendo seguido os princípios dos céticos e atribui ao escritor um estilo elegante e esmerado. É verdade que, no lugar onde ele fala de todos os objetos que ele abordou, ele o considera com um homem de um gênio medíocre, ser realmente é necessário ler *mediocri vir ingenio* e não *medicus acri vir ingenio*, como um pensador conjecturou, com alguma probabilidade. Seja como for, todas as obras de Cornélio Celso estão perdidas, com a exceção de seus oito livros sobre a medicina. Quanto à máxima que Santo Agostinho cita dela e que se encontrava, provavelmente, em algum de seus tratados filosóficos, o santo doutor promete examiná-lo em seguida, mas, no entanto, isso não é mais questão nos dois livros dos Solilóquios e nem mesmo no livro sobre a imortalidade da alma. Acreditamos que, com um exame mais amadurecido, ele a teria modificado. A primeira parte dessa máxima é, sem dúvida, incontestável, mas a segunda é fundamentada sobre uma razão que é apenas ilusória. Sendo a alma mais importante do que o corpo, se a sabedoria que faz sua perfeição é para o ser humano o soberano bem, o estado de desordem dessa mesma alma será também para o ser humano o maior dos males que ele possa experimentar. Sem dúvida, os males do corpo nesta vida podem perturbar a felicidade humana, por que a alma humana depende do corpo, desde o pecado original, de maneira a não poder interromper suas impressões. Mas, independentemente das exceções nesta vida, esse mal, embora muito real, não pode se comparar àquele que resulta do estado de desordem da alma. Ele não passa, para o ser humano, de uma prova e pode contribuir para assegurar sua felicidade eterna.

Razão: __ É o que examinaremos mais tarde, pois a sabedoria, à qual nos esforçamos para conseguir, nos dará, talvez, outros ensinamentos. Se, pelo contrário, ela nos mostrar a verdade do que acabamos de dizer, adotaremos sem hesitação esta proposição sobre o soberano e o soberano mal.

Capítulo 22

O que buscamos agora é saber de que maneira você deve amar a sabedoria que você deseja conhecer e possuir sem nenhum véu e através de um casto envolvimento; favor que ela só concede a um pequeno número de seus amantes mais devotados. Não é verdade que, se você ama uma bela mulher, é com justiça que ela rejeita você, se ela percebe que você ama outra além dela? Você pode então se vangloriar de a beleza casta da sabedoria se mostrar a você, se ela não é o único objeto de seu amor?

Agostinho: __ Infeliz que sou! Por que é preciso também ser privado do objeto de minhas buscas e experimentar o cruel tormento de desejar sem desfrutar? Eu já mostrei que só amo a sabedoria, já que só se ama todas as coisas quando elas são amadas por elas mesmas. A sabedoria é a única coisa que eu amo por ela mesma. Todas as outras coi-

sas __ a vida, o descanso, os amigos __ eu só desejo ou só temo perder por causa dela²².

Qual medida pode ter em mim esse amor à eterna beleza? Não apenas eu não desejo outras, como também desejo que um grande número a busque comigo, a aspire comigo, a possua comigo, desfrute dela comigo. Sendo tão mais meu amigo quanto mais desfrutemos dela juntos.

Capítulo 23

Razão: __ Assim devem ser os amantes da sabedoria. Assim são aqueles que essa amiga realmente pura busca para uma união sem mácula.

Mas, não há somente um caminho que leva a ela. Cada um, segundo sua pureza e sua força, abraça mais ou menos completamente esse soberano bem.

²² Este é um dos princípios morais mais importantes. Um daqueles sobre os quais Santo Agostinho mais insistiu em todas as suas obras. Deus, a verdade e a virtude que não pode se separar dele, devem somente ser buscados por eles mesmos. Todos os outros bens só podem ser desejados como meios de chegar ao bem por excelência. O mesmo acontece com o mal; só se deve temer um só mal: o pecado, a separação de Deus. Todos os outros males naturais só devem ser evitados como sendo obstáculos à nossa união com Deus, à contemplação da verdade e da beleza soberana. Estes princípios constituem o verdadeiro estoicismo cristão, que difere essencialmente daquele do paganismo no fato de que este procura encontrar a força no ser humano e o estoicismo cristão só busca a força em Deus. Sêneca, em alguns pontos de suas obras, mostra seu filósofo tão excelente que ele se torna um verdadeiro rival da divindade e isto é um delírio do orgulho. O filósofo cristão, pelo contrário, sabe que a virtude vem de Deus e que ele só pode se aperfeiçoar através de uma união bem íntima com a divindade. Isto foi o que Santo Agostinho expressou com tanta energia no Sermão 121, através destas palavras de São João Evangelista: “O mundo foi feito por ele, ao dizer *Amando Deum dii efficemur* (Amando Deus, nos tornamos deuses)”. Cf. João 10: 34.

Ela é como que uma luz inefável e incompreensível que ilumina nossa inteligência. Aprendamos com a luz sensível como opera essa união.

Há olhos tão saudáveis e tão fortes que, assim que se abrem, eles se voltam sem nenhuma hesitação para o sol. A luz faz, por assim dizer, sua saúde. Eles não precisam de um mestre; um simples lembrete lhes basta. A estes basta acreditar, esperar e amar.

Mas outros ficam deslumbrados com o brilho dessa beleza que eles desejam tão vivamente ver e, não podendo sustentar o olhar, recaem frequentemente com prazer nas trevas. Embora se possa considerar com saudáveis os olhos destes, é perigoso querer lhes mostrar o que eles ainda não podem sustentar com a visão. É preciso então exercitá-los antes e alimentar, sem satisfazer, seu amor pela luz. É preciso primeiro lhes mostrar as coisas que não brilham por elas mesmas e que só podem ser vistas através de uma luz refletida, como tecidos, paredes ou outros objetos semelhantes. Em seguida usam-se objetos que refletem com mais intensidade essa luz exterior, como o ouro, a prata ou outras coisas assim, cujo brilho, no entanto, não pode ferir os olhos. Então, talvez, lhes sejam mostrados suavemente os fogos terrestres, os astros, a luz, o brilho da aurora e a claridade do nascer do dia.

Desta forma, cada um, de acordo com sua saúde, poderá, cedo ou tarde, seguindo todos esses passos ou pulando alguns, conseguir ver o sol sem hesitação e com um grande prazer.

Este é um processo semelhante ao seguido pelos mestres hábeis, com relação àqueles que amam a sabedoria e cujos olhos, já abertos, não possuem força suficiente para contemplá-la.

O emprego de um bom método é para nos fazer prosseguir com ordem. Prosseguir sem ordem seria o fruto de uma felicidade pouco crível.

Mas nós já escrevemos o suficiente hoje, eu acho. É preciso administrar a saúde.

Capítulo 24

Agostinho: __ Outro dia eu disse: Mostra-me, por favor, essa ordem, se você puder. Leva-me, conduza-me para onde você quiser, pelo caminho que você quiser, da maneira como você quiser. Ordene-me as coisas mais duras, as mais árduas, contanto que elas estejam em meu poder e que eu não possa duvidar de que elas me conduzem para onde eu desejo chegar.

Razão: __ Eu só tenho uma coisa para lhe ordenar e não conheço outra: fuja inteiramente de todas as coisas sensíveis e tenha muito cuidado __ na medida em que estamos neste corpo mortal __ que as asas

de teu espírito não fiquem presas pelo visgo deste mundo, pois precisamos de toda força e de toda atividade para voar das trevas para a pura luz. Essa luz só admite se mostrar, para aqueles que ainda estão presos na prisão do corpo, na medida em que eles são capazes de voar pelos ares, quando essa prisão se quebra ou se dissolve. Assim, quando você tiver uma disposição tal que nada de terreno o agrade, acredite-me, no mesmo momento, no mesmo instante, você verá o que deseja.

Agostinho: __ Quando isso acontecerá, eu lhe pergunto? Pois eu não penso poder desprezar soberanamente todas as coisas terrenas, antes de ter visto essa beleza eterna, diante da qual tudo se avilta.

Capítulo 25

Razão: __ O olho do corpo poderia igualmente dizer: “Eu só deixarei de amar as trevas quando tiver visto o sol”. Isto aparentemente parece ser correto; no entanto, não é assim. Se o olho ama as trevas é por que ele não é saudável e não pode ver o sol antes de estar curado.

Da mesma forma, a alma se engana, lisonjeando-se e vangloriando-se de ser saudável. E, por que ela ainda não vê, ela acredita ter o direito de reclamar. Mas a suprema beleza sabe quando ela deve se mostrar. Ela executa a função de um médico e conhece aqueles que são saudáveis muito mais do que eles próprios se conhecem.

Quanto a nós, acreditamos saber a que altura somos erguidos do fundo do abismo, mas não podemos pensar e nem sentir onde estivemos mergulhados e o quanto descemos. Nós nos consideramos saudáveis por que somos um pouco menos doentes.

Você não se lembra com que segurança afirmamos ontem não sermos mais escravos de nenhuma paixão, que só amamos a sabedoria e que não buscamos e não queremos outros bens além dela? Como lhe pareceram vergonhosos, desprezíveis, horríveis e execráveis os prazeres do amor, quando falamos do desejo de uma esposa?

Mas, na vigília da noite, quando retomamos as mesmas ideias, você sentiu bem que não havia presumido o quanto a imagem desses prazeres e dessas cruas volúpias agiriam sobre você. A impressão foi muito, muito menos viva do que costumava ser. Mas foi bem diferente do que você imaginava.

Assim, o médico interior te mostrou de qual mal você foi curado com seus cuidados e o quanto havia ainda para ser curado.

Capítulo 26

Agostinho: __ Cale-se, por favor, cale-se! Por que me atormentar? Por que descer e penetrar tanto em minha alma? Eu não paro de chorar, eu não posso prometer mais nada, eu não ousa me vangloriar de nada, não me interrogue mais sobre isso. Você diz com razão que só aquele

que eu desejo ver sabe se sou puro. Que ele faça o que ele quiser, que ele se mostre quando quiser; eu me confio totalmente aos seus cuidados e à sua clemência. Eu acabei por acreditar que ele não deixa de socorrer aqueles que têm esta disposição com relação a ele. Não direi nada sobre a saúde de minh'alma até que eu tenha percebido essa eterna beleza.

Razão: __ É assim que você deve agir, mas seque suas lágrimas e fortifique seu coração. Você já chorou muito e essa doença do peito só faz se agravar.

Agostinho: __ Você quer que eu ponha um termo às minhas lágrimas, quando eu não vejo um termo à minha miséria? Você me ordena ter cuidado com a saúde do meu corpo, quando estou infectado pelo contágio do vício? Mas, por favor, se você tem algum poder sobre mim, tente me conduzir por algum caminho mais curto, para que, nas proximidades da luz __ que eu posso, se fiz algum progresso, suportar o brilho, pelo menos a alguma distância __ meus olhos só tenham repugnância pelas trevas que eu deixei. Todavia, eu posso dizer ter deixado as trevas que ainda ousam se vangloriar de minha cegueira?

Capítulo 27

Razão: __ Terminemos, por favor, este primeiro livro e tentemos, no segundo, seguir o caminho que nos pareça conveniente. Sua disposição exige um exercício moderado.

Agostinho: __ Não consentirei com o término deste livro se você não me mostrar alguma coisa das proximidades dessa luz, para que eu me ocupe com ela com atenção.

Razão: __ O médico interior lhe fornecerá os meios para isso, pois eu não sei que brilho me convida e me arrasta. Assim, escute com atenção.

Agostinho: __ Conduza-me, por favor, arraste-me para onde quiser.

Razão: __ Você não diz que quer conhecer com certeza a alma e Deus?

Agostinho: __ Isso é tudo o que eu quero.

Razão: __ Você não procura nada mais?

Agostinho: __ Nada mais.

Razão: __ Ora! Você não quer compreender a verdade?

Agostinho: __ Como se eu pudesse conhecer Deus e a alma se não for através da verdade!

Razão: __ Você deve então conhecer primeiro o que te serve para conhecer todo o resto.

Agostinho: __ Não discordo.

Razão: __ Então, examinemos primeiramente se as palavras verdade e verdadeiro te parecem expressar duas coisas ou uma somente.

Agostinho: __ Parece-me que são duas coisas. Uma coisa é a castidade, outra coisa é ser casto e assim por diante. Da mesma forma, creio que uma coisa é a verdade e outra coisa é o que é chamado de verdadeiro.

Razão: __ Qual dessas duas coisas você vê como superior?

Agostinho: __ Eu penso que é a verdade. Não é ser casto que faz a castidade; é através da castidade que se é casto. Da mesma forma, o que é verdadeiro o é pela verdade.

Capítulo 28

Razão: __ Quando uma pessoa casta vem a morrer, você acha que a castidade morre com ela?

Agostinho: __ De forma alguma.

Razão: __ A verdade não perece então, mesmo quando perece o que é verdadeiro?

Agostinho: __ Como pode perecer alguma coisa verdadeira? Eu não consigo imaginar.

Razão: __ Eu me espanto que você faça esta pergunta. Não vemos um grande número de coisas perecerem diante de nossos olhos? Sem dúvida que você não acha que esta árvore é uma árvore, sem que ela seja verdadeiramente uma árvore ou que ela não possa perecer. Mesmo que você não acreditasse no testemunho dos sentidos e pudesse dizer

que ignora inteiramente se isto é uma árvore, no entanto, você não pode negar __ eu presumo __ que, se esta árvore existe, ela é uma árvore verdadeira, pois esta avaliação vem do intelecto e não dos sentidos. De fato, se ela é uma árvore falsa, ela não é uma árvore e se ela é uma árvore, ela é, necessariamente, uma árvore verdadeira.

Agostinho: __ Concordo com isso.

Razão: __ Você não concorda também que é da natureza dessa árvore nascer e morrer?

Agostinho: __ Não posso negar isso.

Razão: __ Você deve concluir então que uma coisa verdadeira pode perecer.

Agostinho: __ Não discordo.

Razão: __ Então, responda-me agora: não te parece que a verdade não perece, mesmo quando perecem as coisas verdadeiras; como a castidade, que não morre, quando morre uma pessoa casta?

Agostinho: __ Concordo também com você e espero impacientemente o que você quer estabelecer.

Razão: __ Preste então atenção.

Agostinho: __ Estou prestando.

Capítulo 29

Razão: __ Você não considera verdadeira esta proposição: tudo o que existe deve existir em algum lugar?

Agostinho: __ Nada me parece mais necessário admitir.

Razão: __ E você concorda que a verdade existe?

Agostinho: __ Concordo.

Razão: __ Devemos então procurar saber onde ela está. Ela não está no espaço, a menos que se admita que haja no espaço outras coisas além de corpos ou que a verdade seja um corpo.

Agostinho: __ Não creio nem em um e nem em outro.

Razão: __ Onde então você acredita que esteja a verdade? Ao admitir sua existência, não podemos admitir que ela não esteja em nenhum lugar.

Agostinho: __ Se eu soubesse onde ela está, talvez eu não procurasse mais nada.

Razão: __ Você pode, pelo menos, saber onde ela não está?

Agostinho: __ Se você me ajudasse, talvez eu pudesse.

Razão: __ A verdade não está, certamente, nas coisas mortais. De fato, o que está em alguma coisa, não pode sobreviver se essa coisa não sobrevive. Ora, a verdade sobrevive mesmo que pereçam as coisas verdadeiras; nós concordamos com isso. Portanto, a verdade não está nas coisas mortais. No entanto, a verdade existe e ela não está em nenhum

lugar. Há, portanto, coisas imortais. Mas, não há nada de verdadeiro, se a verdade não estiver ali. Segue-se então que só é verdadeiro aquilo que é imortal. E toda árvore falsa não é uma árvore, todo bosque falso não é um bosque, a prata falsa não é prata; enfim, tudo o que é falso não é. Ora, tudo o que não é verdadeiro é falso. Só existe verdadeiramente o que é imortal. Reflita você mesmo e com cuidado sobre este breve raciocínio, para ver se ele não inclui algum princípio que você possa contestar. Pois, se este raciocínio te parecer justo, nós quase terminamos nosso trabalho, que talvez pareça melhor no livro seguinte.

Capítulo 30

Agostinho: __ Eu te agradeço e, já que estamos em silêncio, vou examiná-lo atentamente e, conseqüentemente, com você, esse novo raciocínio; contanto que nenhuma nuvem tenebrosa se oponha a isso e não venha também me encantar, o que eu temo bastante.

Razão: __ Não deixe de ter confiança em Deus e abandone-se a ele o mais inteiramente que você puder. Não deseje ser independente, mas reconheça-se mais como escravo do senhor mais clemente e mais generoso. Ele não deixará então de atraí-lo para ele e não permitirá que nada aconteça que não lhe seja útil, mesmo contra sua vontade.

Agostinho: __ Eu escuto, eu creio e, na medida do possível, obedeco. Eu rezo muito para obter muita força. Você quer mais?

Razão: __ Está bom, por enquanto. Você fará depois tudo o que a visão de Deus te prescrever.

Livro II

Santo Agostinho, neste segundo livro, trata por muito tempo, com ele mesmo, sobre a verdade e a falsidade. Após ter estabelecido a duração eterna da verdade, ele conclui que a alma do ser humano, que é sua sede, é imortal.

Capítulo 1

Agostinho: __ Nossa obra foi interrompida há bastante tempo. O amor é impaciente e não deixa de produzir lágrimas, até que ele possua o que ama. Assim, comecemos o segundo livro.

Razão: __ Comecemos.

Agostinho: __ Creiamos que Deus nos apoiará.

Razão: __ Acreditaremos, sem nenhuma dúvida, se esta crença estiver em nosso poder.

Agostinho: __ É Deus mesmo que é nosso poder.

Razão: __ Reze então o mais breve e perfeitamente que você puder.

Agostinho: __ Ó Deus, que sois sempre o mesmo! Faça com que eu me conheça e faça com que eu o conheça. Esta é minha prece.

Razão: __ Você, que quer se conhecer, você sabe se você existe?

Agostinho: __ Eu sei.

Razão: __ De onde você sabe isso?

Agostinho: __ Ignoro.

Razão: __ Você sente que é um ser simples ou composto?

Agostinho: __ Ignoro.

Razão: __ Você sabe que você está em movimento?

Agostinho: __ Ignoro.

Razão: __ Você sabe que você pensa?

Agostinho: __ Eu sei.

Razão: __ É verdade então que você pensa?

Agostinho: __ Isso é verdade.

Razão: __ Você sabe que você é imortal?

Agostinho: __ Ignoro.

Razão: __ De todas as coisas que você admite ignorar, qual é aquela que você deseja saber primeiramente?

Agostinho: __ Seria saber se sou imortal.

Razão: __ Você ama então viver?

Agostinho: __ Confesso que sim.

Razão: __ Quando você souber que é imoral, isso te bastará?

Agostinho: __ Isso seria muito, propriamente, mas é pouco para mim.

Razão: __ Esse pouco, no entanto, não te dará um grande prazer?

Agostinho: __ Um prazer muito grande.

Razão: __ Você não derramará mais lágrimas?

Agostinho: __ De forma alguma.

Razão: __ Mas então! Se estiver provado que nesta vida você só poderá saber o que você sabe agora, você poderia conter suas lágrimas?

Agostinho: __ Pelo contrário. Eu chorarei então para obter o não mais existir²³.

Razão: __ Você não ama então a existência pela existência, mas pela ciência?

Agostinho: __ Concordo com esta observação.

Razão: __ E se esse conhecimento o tornasse infeliz?

Agostinho: __ Não penso que isso seja possível de forma alguma. Mas, se o conhecimento provoca infelicidade, ninguém pode ser feliz, pois só sou infeliz hoje por causa da ignorância e se a ciência torna infeliz, isto é uma eterna miséria.

Razão: __ Vejo agora tudo o que você deseja. Se você pensa que ninguém pode ser infeliz através da ciência, você conclui disso que é provável que o saber provoque a felicidade. Ora, ninguém pode ser feliz se não estive vivo. Ninguém pode estar vivo se não existir. Você deseja então existir, viver e saber. Existir para viver, viver para saber. Você também sabe que você existe, você sabe que vive, você sabe que com-

²³ Rousseau disse no Emile: “Se nos oferecessem a imortalidade nesta terra, o que você acharia deste triste presente?”

preende. Mas tudo isso durará para sempre ou nada sobreviverá? Uma parte jamais sobreviverá, enquanto que outra perecerá? E se tudo existir eternamente, tudo poderá diminuir ou crescer? Eis o que você quer saber.

Agostinho: __ Isso é verdade.

Razão: __ Se então provarmos que vivemos para sempre, seguir-se-á que existimos para sempre.

Agostinho: __ Isto é evidente.

Razão: __ Só restará saber se o intelecto deve sobreviver para sempre.

Capítulo 2

Agostinho: __ Percebi essa marcha tão manifesta quanto rápida.

Razão: __ Fique então atento para poder responder minhas interrogações com exatidão e firmeza.

Agostinho: __ Aqui estou eu.

Razão: __ Se o mundo deve durar para sempre, não é verdade que o mundo durará para sempre?

Agostinho: __ Quem pode duvidar disso?

Razão: __ E se ele não deve durar para sempre, não é igualmente verdade que ele não durará para sempre?

Agostinho: __ Concordo.

Razão: __ E se ele deve perecer, não será verdade que, após sua ruína, o mundo pereceu? Pois ele continua a existir na medida em que é não verdade que ele deixou de existir. Portanto, não é uma contradição dizer que o mundo terminou e que não seja verdadeiro que ele terminou?

Agostinho: __ Concordo também.

Razão: __ Além disso, para você é possível que exista alguma coisa verdadeira, se a verdade não existe?

Agostinho: __ Não creio que seja possível.

Razão: __ Mas a verdade sobreviveria, mesmo se o mundo viesse a perecer?

Agostinho: __ Não posso negar isso.

Razão: __ E se a própria verdade viesse a deixar de existir, não seria verdadeiro que a verdade deixou de existir?

Agostinho: __ Quem pode negar isso?

Razão: __ Mas nada poderia ser verdadeiro se a verdade não existisse.

Agostinho: __ Acabo de concordar com isso.

Razão: __ A verdade não poderá então jamais deixar de existir.

Agostinho: __ Continue como você começou, pois não há nada de mais verdadeiro do que esta consequência.

Capítulo 3

Razão: __ Eu te peço agora que me responda a esta questão: você acha que é a alma que sente ou é o corpo?

Agostinho: __ Eu creio que é a alma.

Razão: __ O intelecto lhe parece pertencer à alma?

Agostinho: __ Acredito que sim.

Razão: __ À alma somente ou a alguma outra substância?

Agostinho: __ Com a exceção de Deus, somente a alma me parece inteligente.

Razão: __ Examinemos agora a seguinte questão: se alguém lhe dissesse que esta parede não é uma parede, mas uma árvore, o que você pensaria disso?

Agostinho: __ Eu pensaria que seus sentidos ou os meus se enganaram. Ou então, que ele chama de árvore, o que eu chamo de parede.

Razão: __ E se essa parede, para ele se parece com uma árvore e, para você, com uma parede; essas duas aparências não poderiam ser verdadeiras?

Agostinho: __ De forma alguma, pois uma mesma e única coisa não poderia ser ao mesmo tempo uma árvore e uma parede. Embora a mesma coisa pareça diferente a ambos, é necessário que um de nós esteja enganado por uma falsa aparência.

Razão: __ Mas e se não fosse nem uma parede e nem uma árvore, estando os dois errados?

Agostinho: __ Isso é possível.

Razão: __ Este é um caso que você se esqueceu agora há pouco.

Agostinho: __ Confesso que sim.

Razão: __ Mas, se você reconhecer nos dois casos, que a coisa é diferente daquilo que lhe parece, você ainda está no erro?

Agostinho: __ Não.

Razão: __ Uma aparência pode então ser falsa e aquele que vê essa aparência pode não estar enganado?

Agostinho: __ Isso é possível.

Razão: __ É preciso então reconhecer que se enganar não é ver falsas aparências, mas dar a elas seu consentimento?

Agostinho: __ Isto é uma coisa evidente.

Razão: __ Mas o falso, por que ele é falso?

Agostinho: __ Por que ele é diferente do que parece.

Razão: __ Se então, não houver ninguém a quem ele apareça, não existirá nada de falso?

Agostinho: __ Isto é uma consequência rigorosa.

Razão: __ Não há então falsidade nas coisas, mas sim nos sentidos. Também não se engana quem não dá sua concordância à falsas aparências. Isso prova que, uma coisa são os sentidos e outra coisa so-

mos nós mesmos, pois, quando os primeiros se enganam, nós podemos evitar o erro.

Agostinho: __ Não tenho nada a me opor ao que você disse.

Razão: __ Mas, quando a alma se engana, você poderá sustentar que você não se enganou?

Agostinho: __ Como eu ousaria?

Razão: __ Ora, sem a alma não há sentido e sem os sentidos não há falsidade. A alma é, então, causa ou cúmplice do erro?

Agostinho: __ O que foi dito antes me força a admitir esta consequência.

Capítulo 4

Razão: __ Responda-me agora isto: parece a você possível que não exista falsidade?

Agostinho: __ Como isso me pareceria possível, se encontramos uma dificuldade tão grande para encontrar a verdade? Seria mais absurdo ainda dizer que não existe falsidade do que negar toda verdade.

Razão: __ Você acredita que aquele que não vive pode sentir?

Agostinho: __ Isso é impossível.

Razão: __ Segue-se daí que a alma viverá para sempre.

Agostinho: __ Você me conduz muito rapidamente para grandes horizontes. Vamos passo a passo, por favor.

Razão: __ Se tudo com o que você concordou for exato, eu creio que você não deve duvidar desta consequência.

Agostinho: __ Ela é demasiado precipitada, eu digo. Sou levado mais a acreditar que eu concordei com você muito rapidamente, do que considerar como certa a imortalidade da alma. No entanto, desenvolva esta conclusão e me mostre como ela resulta do que eu concordei.

Razão: __ Você reconheceu que não podia haver falsidade sem os sentidos e que a falsidade não podia não existir. Mas os sentidos existem sempre e não existem sentidos sem a alma. Portanto, a alma é imortal. Ela não pode sentir sem viver. Ela viverá, portanto, para sempre.

Capítulo 5

Agostinho: __ Ó espada de chumbo! Você poderia concluir que o ser humano é imortal, se eu tivesse afirmado que o mundo não pode existir sem o ser humano e que o mundo é eterno.

Razão: __ Você faz bem em ter ressalvas. No entanto, não é pouca coisa ter estabelecido que a natureza não pode existir sem uma alma; a menos que se suponha que não haverá falsidade na natureza.

Agostinho: __ Eu reconheço a justeza dessa consequência, mas creio que é preciso verificar mais atentamente se os princípios com os quais eu concordei antes não são incertos, pois vejo que demos um grande passo rumo à imortalidade da alma.

Razão: __ Você não considerou o suficiente se você não deu sua concordância muito rapidamente?

Agostinho: __ Eu creio que sim, mas não vejo como me acusar de imprudência.

Razão: __ Está, então, demonstrado que a natureza não pode existir sem uma alma viva?

Agostinho: __ Sim, mas somente no sentido de que almas podem nascer e outras morrer.

Razão: __ Mas, se a falsidade não existe na natureza, não se segue daí que tudo é verdadeiro?

Agostinho: __ Reconheço esta consequência.

Razão: __ Diga-me como você sabe se esta parede é uma parede verdadeira?

Agostinho: __ Por que a imagem que ela produz em mim não me engana.

Razão: __ Ou seja, por que ela é como lhe parece.

Agostinho: __ Sim.

Razão: __ Se então, uma coisa é falsa por que ela é diferente do que ela parece e verdadeira por que ela é como parece; excluindo aquele que a vê, não haverá nem verdade e nem falsidade. Mas, se não falsidade na natureza, tudo é verdadeiro. E, como nada pode parecer verdadei-

ro ou falso, a não ser aos olhos de uma alma viva; podendo ou não o falso desaparecer, a alma sobrevive igualmente no meio da natureza.

Agostinho: __ Vejo que você acaba de dar uma nova força à consequência já tirada, mas nós não ganhamos nada com isso. Minha mente não ficou menos impressionada com o fato de que as almas nascem e morrem e que, para que elas não desapareçam do mundo, não é necessário que elas sejam imortais; basta que elas se sucedam.

Capítulo 6

Razão: __ Você acredita que as coisas corpóreas, ou seja, sensíveis, possam ser compreendidas pelo intelecto?

Agostinho: __ Eu não creio.

Razão: __ O que você responderia à questão de que Deus se serve dos sentidos para conhecer alguma coisa?

Agostinho: __ Eu não ousou afirmar nada imprudentemente sobre este tema. Mas, na medida em que me seja permitido especular, eu diria que Deus não se serve de nenhum dos sentidos.

Razão: __ Podemos então concluir que só a alma pode sentir.

Agostinho: __ Tire provisoriamente esta conclusão, na medida em que a probabilidade o permita.

Razão: __ Responda também: você concorda que esta parede, se não for uma parede verdadeira, não é uma parede?

Agostinho: __ Não há uma proposição que eu não seja mais levado a reconhecer do que esta.

Razão: __ E que, se não existe um corpo verdadeiro, de forma alguma existe um corpo?

Agostinho: __ Isto também é evidente.

Razão: __ Assim então, só é verdadeiro aquilo que é tal como parece; tudo o que é corpóreo só pode ser percebido pelos sentidos; só a alma pode sentir; não há corpo se não existe um verdadeiro corpo; segue-se que não pode existir um corpo se não existir uma alma.

Agostinho: __ Você me apressa muito e eu não tenho nada a opor a isso.

Capítulo 7

Razão: __ Examine isso com mais atenção.

Agostinho: __ Estou pronto.

Razão: __ Isto, certamente é uma pedra. Ela é uma pedra verdadeira se ela for tal como parece ser. Ela não é uma pedra, se não for verdadeira e ela só pode ser percebida pelos sentidos.

Agostinho: __ Concordo com isso.

Razão: __ Não há, portanto, pedras nas profundezas da terra e nem, em geral, onde ninguém pode percebê-las. Esta pedra não existiria se nós não a percebêssemos. Ela não existirá também quando tivermos

deixado estes lugares e ninguém mais a perceber. Se fecharmos completamente uma bolsa, mesmo que ela contenha muita coisa, não haverá nada ali. Até mesmo esta madeira, interiormente não é madeira. De fato, tudo o que está contido no interior deste corpo opaco escapa aos sentidos e, por isso mesmo, não existe, pois, se existisse, seria verdadeiro. Ora, só pode ser verdadeiro aquilo que é tal como parece ser. Mas este objeto não é percebido, portanto, ele não é verdadeiro. Você tem alguma coisa para responder?

Agostinho: __ Vejo que suas consequências nascem dos princípios com os quais eu concordei. Mas elas são tão absurdas que eu preferiria rejeitar todos eles a admitir que essas consequências sejam verdadeiras.

Razão: __ Não me oponho a isso. Examine então o que você quer dizer: se você quer deixar de afirmar que os corpos só são percebidos pelos sentidos, que somente a alma sente e que uma pedra ou qualquer outra coisa só pode existir se for verdadeira ou então se você quer mudar a definição de verdadeiro.

Agostinho: __ Examinemos primeiro esta última questão, por favor.

Capítulo 8

Razão: __ Defina então o verdadeiro.

Agostinho: __ O verdadeiro é o que parece tal como é a quem quer e pode conhecê-lo.

Razão: __ O que ninguém pode conhecer não será então verdadeiro? Depois, se o falso é diferente do que parece e se esta pedra parece uma pedra para alguém, mas uma madeira para outro, a mesma coisa será então, ao mesmo tempo, verdadeira e falsa?

Agostinho: __ O que mais me embaraça em suas objeções é explicar como, se uma coisa não pode ser conhecida, segue-se que ela não é verdadeira. Uma coisa ser, ao mesmo tempo, verdadeira e falsa, não me preocupa muito. De fato, eu vejo que, comparada com diferentes objetos, ela é, ao mesmo tempo, maior ou menor. Mas isso provém do fato de que, propriamente, nada é grande ou pequeno. Estas palavras são termos de comparação.

Razão: __ Se você afirmar que nada é verdadeiro propriamente, você não teme que se possa concluir que nada existe propriamente? O que faz com que esta madeira seja madeira, a constitui ao mesmo tempo em verdadeira madeira. É impossível que ela exista propriamente __ ou seja, sem que ninguém a perceba __ e que ela não seja uma madeira verdadeira.

Agostinho: __ Assim eu digo, eu defino e não temo que minha definição seja considerada muito curta: o verdadeiro, em minha opinião, é o que é.

Razão: __ Não haverá então nada de falso, pois tudo o que é, verdadeiro é²⁴.

Agostinho: __ Você me coloca em um grande embaraço e não vejo como responder. O que faz com que, mesmo querendo ser instruído por questionamentos, eu já tema, no entanto, ser interrogado.

Capítulo 9

Razão: __ Deus, a quem somos confiados, nos fornece, sem nenhuma dúvida, sua ajuda e nos livra de todos esses embaraços, contanto que acreditemos e roguemos a ele com ardor.

Agostinho: __ Jamais o farei com tão boa vontade quanto agora, pois jamais estive em uma noite tão profunda. Ó Deus, nosso pai! Que nos exorta a rogar a vós e que nos concedes a graça quando pedimos, pois vivemos melhor então e nos tornamos melhores. Escutai-me! Eu mal respiro no meio dessas trevas. Estenda-me uma mão caridosa! Mostra-me vossa luz! Lembrai-me dos meus erros, para que, sob vossa condução, eu me volte para mim mesmo e para vós. Assim seja!

²⁴ Esta definição foi adotada por Bossuet em seu **Tratado do Conhecimento de Deus e de Si Mesmo**. “O verdadeiro é o que é e o falso o que não é. Pode-se bem não entender o que é, mas jamais se pode entender o que não é. Acredita-se algumas vezes entender e é isso o que faz o erro. Mas, de fato, não se entende, já que ele não é”. (BOSSUET. *Édit. de Bar*, tom. IV, pag. 18). Poder-se-ia acrescentar que há dois tipos de existência: a existência real e objetiva e a existência puramente intelectual ou subjetiva. É somente abrangendo estas duas maneiras de existir que a verdade pode ser definida pelo que é. Se restringirmos esta definição aos seres reais e objetivos, ela se torna falsa, pois há uma infinidade de verdades que só existem no pensamento e que não possuem realidade exterior.

Razão: __ Concentre toda sua atenção e siga-me, na medida em que for capaz.

Agostinho: __ Diga-me, por favor, se lhe surgiu algum pensamento que nos impeça de perecer no meio dessas trevas?

Razão: __ Concentre-se!

Agostinho: __ Eu te escuto e não me ocupo com mais nada.

Capítulo 10

Razão: __ Primeiramente, o que é o falso. Examinemos um pouco mais.

Agostinho: __ Eu ficaria espantado se não fosse o que não é o que parece ser.

Razão: __ Atenção! Começemos por interrogar os sentidos. O que os olhos percebem não pode certamente ser chamado de falso, se houver alguma aparência de verdadeiro. Por exemplo, uma pessoa que vemos em sonho não é uma pessoa verdadeira, mas é falsa, pois ela tem uma aparência de verdade. Quem poderia, de fato, após ter visto um cão no sonho, dizer que viu uma pessoa? O cão é então falso também e precisamente por que tem uma aparência de verdadeiro.

Agostinho: __ A coisa é assim como você diz.

Razão: __ Se uma pessoa acordada vê um cavalo e acredita que é uma pessoa, ela não se enganou precisamente por vê uma semelhança

com uma pessoa? Se ela só percebe a imagem de um cavalo, ela não pode acreditar que é uma pessoa.

Agostinho: __ Sou forçado a concordar com isso.

Razão: __ Chamamos igualmente de falsa uma árvore que vemos pintada, uma falsa imagem que é reproduzida em um espelho e o movimento falso das torres, quando elas parecem caminhar aos olhos do navegador. Da mesma forma o remo, quando ele parece estar quebrado debaixo da água. Por quê? Por que em tudo isso há uma semelhança com a verdade.

Agostinho: __ Concordo com isso.

Razão: __ Pelo mesmo motivo nos enganamos ao ver gêmeos, os ovos, várias impressões de um mesmo carimbo e outras coisas assim.

Agostinho: __ Percebo isso e concordo.

Razão: __ A semelhança percebida pelos olhos é então a mãe da falsidade.

Agostinho: __ Não posso negar.

Capítulo 11

Razão: __ Todos esses objetos, se não me engano, podem ser divididos em dois gêneros: um está ligado às coisas iguais e o outro às coisas desiguais. As coisas são iguais quando dizemos que elas parecem iguais, como foi dito dos gêmeos e das marcas impressas pelo carimbo.

A semelhança entre coisas desiguais acontece quando um objeto não tão bom é semelhante a um melhor. De fato, quem poderia dizer, ao se olhar no espelho, que é semelhante à imagem que é mostrada ali e não diria que ela é semelhante a ele? Este último gênero compreende, em parte, o que a alma experimenta e, em parte, o que se vê. Ora, o que a alma experimenta, ela experimenta em seus sentidos; como o movimento da torre, que não tem nada de real. Ou nela mesma, por que ela recebeu dos sentidos; como as imagens daqueles que sonham e talvez também daqueles cuja razão está em delírio. Quanto às aparências que percebemos nas coisas que estão sob nossos olhos, umas são expressas e formadas pela natureza e outras pelos seres animados. A natureza forma semelhanças desiguais, seja pelo nascimento, seja pela reflexão. Pelo nascimento, quando crianças nascem semelhantes a seus pais. Pela reflexão, como nos espelhos, pois, embora esses espelhos sejam quase todos obra humana, não são eles que elaboram as imagens que são reproduzidas ali. As obras dos seres animados consistem em pinturas ou em imitações semelhantes. Pode-se compreender neste gênero o que fazem os demônios, se é que eles fazem alguma coisa. A própria sombra dos corpos, por que não estão muito longe de se parecerem com os corpos e de não poderem ser chamadas de falsos corpos, devem ser consideradas como pertencentes à avaliação dos olhos e enumeradas dentre as coisas que a natureza produz pela reflexão, pois todo corpo exposto à

luz a reflete e produz uma sombra em sentido oposto. Você tem algo a contradizer?

Agostinho: __ Não, mas estou impaciente para saber aonde você quer chegar.

Capítulo 12

Razão: __ Esperemos ainda com paciência, até que os outros sentidos nos tenham igualmente mostrado que a falsidade consiste na semelhança com o verdadeiro. O sentido da audição não nos fornece um número menor de semelhanças. É assim quando ouvimos a voz de uma pessoa que não vemos, nós a tomamos por uma outra que tem uma voz semelhante. E dentre as semelhanças desiguais, podemos citar como exemplos o eco, o zumbido nos ouvidos, a imitação do grito do melro e do corvo que fazem alguns relógios, enfim, os sons que as pessoas que sonham ou que estão em delírio acreditam ouvir. Essas inflexões de voz que os músicos classificam como falsas provam com uma grande força essa mesma verdade, o que aparecerá melhor em seguida. Basta agora observar que essas mesmas inflexões se aproximam muito daquelas que são chamadas de verdadeiras. Você está acompanhando bem essas ideias?

Agostinho: __ Com tanto gosto que não me canso de compreendê-las.

Razão: __ Assim, para não nos interrompermos, você acredita que se possa distinguir pelo odor um lírio de outro; ou, pelo sabor, um mel que tem o sabor do tomilho, de outro que tem o mesmo sabor, mas que é de outra colmeia; ou, pelo toque, a maciez das plumas de um cisne, da maciez das plumas de um ganso?

Agostinho: __ Eu não creio.

Razão: __ E quando, em nossos sonhos, acreditamos sentir, degustar ou tocar objetos, não somos enganados pela semelhança das imagens; semelhança tão mais imperfeita quanto mais inútil ela é?

Agostinho: __ O que você diz é verdade.

Razão: __ Assim, vemos que as coisas são iguais ou desiguais e é a semelhança que seduz e engana todos os sentidos. E, mesmo quando damos nosso consentimento ou, discernindo as diferenças, somos enganados, chamamos, no entanto, de falsas as coisas que achamos que se parecem com as verdadeiras.

Agostinho: __ Não posso duvidar disso.

Capítulo 13

Razão: __ Fique atento novamente e retomemos as mesmas ideias, para melhor marcar o objetivo que nos esforçamos para atingir.

Agostinho: __ Estou pronto. Diga-me o que você quer. Estou resolvido a suportar esses longos circuitos e não temo essa fadiga, com a esperança de chegar enfim ao objetivo rumo ao qual sei que tendemos.

Razão: __ Você faz bem, mas responda a esta questão: quando você vê dois ovos totalmente semelhantes, você acredita que se possa dizer que um dos dois ovos é falso?

Agostinho: __ Não creio de forma alguma, pois, se ambos são ovos, eles são ovos verdadeiros.

Razão: __ E quando percebemos uma imagem refletida por um espelho, que sinal nos mostra que é uma imagem falsa?

Agostinho: __ É por que não se pode tocá-la, ela não faz barulho, ela não se move, ela não vive. Há ainda um grande número de outros sinais que seria muito longo enumerar.

Razão: __ Vejo que você não quer ser retardado e é preciso se conformar com sua impaciência. Assim, para não lembrar tudo, se as pessoas que percebemos em sonhos pudessem viver, falar, serem tocadas por aqueles que estão despertos; se não houvesse nenhuma diferença entre elas e aquelas que, mesmo são e bem despertos, vemos e com as quais conversamos, poderíamos dizer que são pessoas falsas?

Agostinho: __ Como se teria razão em dizer isso?

Razão: __ Então, se elas fossem tão verdadeiras que se parecessem com as pessoas de verdade, se não houvesse nenhuma diferença

entre elas e se elas fossem falsas por causa das diferenças que as tornam diferentes, não se deve reconhecer que a semelhança é a mãe da verdade e a diferença a mãe da falsidade?

Agostinho: __ Eu não tenho nada a responder e estou confuso com a concordância imprudente que dei agora há pouco.

Capítulo 14

Razão: __ Você está errado em estar confuso, como se não fosse por esse mesmo motivo que escolhemos este tipo de conversa. Já que só conversamos entre nós, esta conversa deve se chamar Solilóquio. Esta palavra é nova, talvez dura, mas muito apropriada para indicar a coisa. De fato, a verdade dificilmente pode ser buscada com mais sucesso do que interrogando e respondendo. Além disso, é difícil encontrar alguém que não tenha vergonha em ser convencido em uma disputa. Acontece quase sempre de os clamores desordenados da teimosia fazerem perder os rastros da verdade e disso resulta, para as mentes, em dor, algumas vezes dissimulada e outras manifestas. Creio então que, para descobrir a verdade, com a ajuda de Deus, é muito sábio e muito prudente que eu interrogue e que você me responda. E se você cometer alguma imprudência, você não tem que temer se retratar, pois não há outro meio de sair daqui.

Capítulo 15

Agostinho: __ Você tem razão, mas eu não vejo bem onde eu errei ao concordar. Talvez seja por ter dito que se considera falso o que tem alguma semelhança com o verdadeiro. No entanto, não vejo nenhuma outra coisa que mereça o atributo de falso e novamente sou forçado a reconhecer que as coisas que são consideradas falsas só são consideradas assim por que diferem do verdadeiro. Daí se deve concluir que é a diferença a causa da falsidade. Assim, estou no maior embaraço e minha mente não me apresenta nada que venha de causas opostas.

Razão: __ E se houvesse uma única coisa na natureza que existisse assim? Você ignora que, após ter estudado um grande número de espécies animais, só existe o crocodilo que move a mandíbula superior ao comer?²⁵ E você não sabe que não se pode encontrar quase nada de tão semelhante a uma coisa que só se difere a ela em alguns aspectos?

Agostinho: __ Eu entendo isso, mas, quando considero que o que chamamos de falso possui alguma semelhança e alguma diferença com o verdadeiro, eu não posso perceber se é essa semelhança ou essa diferença que o faz merecer o atributo de falso.

Se eu suponho que é a diferença, não haverá nada que não possa ser chamado de falso, pois não há nenhuma coisa que não difira, em

²⁵ É preciso perdoar este erro de Santo Agostinho, já que ele foi de Aristóteles, de Plínio e mesmo de muitos viajantes modernos. Mas, observações mais apuradas mostraram que no crocodilo a mandíbula superior, como todos os animais, é ligada aos outros ossos da cabeça e que nenhuma articulação a torna móvel.

algum aspecto, de outra, que, no entanto, chamamos de verdadeira. E, se eu suponho que é a semelhança que faz com que se chame uma coisa de falsa, como responder ao exemplo dos ovos, que são verdadeiros por que são exatamente semelhantes e, além disso, como refutar aquele que me forçasse a concordar que todas as coisas são falsas, pois não posso negar que todas são semelhantes em algum aspecto?

E quando você me estimulasse a lhe responder que é a semelhança e a diferença que contribuem ao mesmo tempo para o que se chama de uma coisa falsa, que meio me fornecerá para que eu saia do embaraço? Sou pressionado novamente a confessar que todas as coisas são falsas, já que todas, como foi dito acima, se parecem em alguns aspectos e diferem em alguns outros. Só me restaria aceitar que só é falso o que é diferente do que parece.

Mas eu temo encontrar ainda os formidáveis escolhos dos quais eu acreditava ter escapado, pois, levado por algum turbilhão súbito, eu seria novamente obrigado a reconhecer que o verdadeiro é o que é tal qual parece. Disso segue-se que não pode haver nada de verdadeiro sem alguém que o conheça. Mas é aqui que eu devo temer me chocar com os escolhos escondidos, pois eles são verdadeiros, embora eu não os veja.

Por outro lado, se eu digo que o verdadeiro é o que é, segue-se que o falso não existe, o que é repugnante.

Minhas incertezas retornam assim e eu percebo que não dei um passo, ao te seguir em suas longas pesquisas.

Capítulo 16

Razão: __ Preste novamente atenção, pois não posso acreditar que imploramos inutilmente pelo socorro divino.

Vejo que, após termos estendidos nossas pesquisas o máximo que pudemos, seu resultado foi concluir que se deve chamar de falso o que quer parecer o que não é ou mesmo quer parecer existir e não existe.

A primeira espécie de falso se divide em enganação e em mentira. Chama-se enganador aquele que tem o desejo de enganar, o que não é concebível sem uma alma. Essa enganação é, algumas vezes, obra da razão e, algumas vezes, da natureza. Da razão, como nos animais racionais, como o ser humano. Da natureza, como nos outros animais, como a raposa.

Eu chamo de mentira a espécie de enganação daqueles que fingem. Eles são diferentes do enganador no fato de que todo enganador procura enganar, enquanto que nem todo mentiroso procura enganar. De fato, as mímicar, as comédias e um grande número de poemas estão cheios de mentiras, mas que não têm o objetivo de enganar, mas de divertir. Quase todos os que agradaram recorreram à mentira.

Mas é chamada de enganadora uma pessoa falsa, aquela que tem a intenção de enganar. Quanto àqueles que não têm o objetivo de enganar, mas que empregam, no entanto, o fingimento, ninguém hesita em classificá-los como mentirosos ou, pelo menos, de gente fingida.

Você tem algo a objetar?

Capítulo 17

Agostinho: __ Continue, eu te peço, pois agora talvez você tenha começado a me mostrar, sobre a falsidade, coisas que não são falsas. Mas espero que você me explique qual é a espécie de falso que consiste em dar a aparência de existência ao que não existe realmente.

Razão: __ O que você espera? Este tipo de falso é o mesmo que já mostramos vários exemplos. A sua imagem estampada em um espelho não parece querer se apresentar como você mesmo? E ela não é falsa precisamente por que ela não é você?

Agostinho: __ A coisa realmente me parece assim.

Razão: __ Toda pintura, toda representação, toda imitação deste gênero, não tem por objetivo se parecer com a própria coisa, a semelhança da qual ela foi feita?

Agostinho: __ Sou forçado a concordar.

Razão: __ Você não terá então dificuldade em admitir que as imagens que enganam as pessoas adormecidas ou em delírio são do mesmo gênero.

Agostinho: __ É verdade que nenhum objeto procura tanto se confundir com a realidade, tal como ela impressiona as pessoas racionais e despertas. Mas essas imagens são falsas precisamente por que elas procuram ser o que elas não podem ser.

Razão: __ Eu preciso falar ainda da oscilação das torres, do ramo mergulhado na água ou das sombras dos corpos? Esses fenômenos, eu acho, devem ser avaliados de acordo com a mesma regra, sem dificuldade.

Agostinho: __ Sem dificuldade.

Razão: __ Eu não falo dos outros sentidos, pois ninguém, ao refletir sobre isso, pode deixar de perceber, que o que chamamos de falso, nas coisas que impressionam nossos sentidos, é o que quer parecer ser o que não é.

Capítulo 18

Agostinho: __ Você tem razão. Mas me espanta que você queira distinguir do falso os poemas, as comédias e as outras ficções.

Razão: __ Por que uma coisa é querer parecer falso e outra coisas é não poder ser verdadeiro. Assim, podemos colocar na mesma linha que

as pinturas e outras imitações da natureza, as obras da mente como as comédias, as tragédias, as mímicas e coisas do gênero. Uma pessoa pintada, embora feita para parecer uma pessoa, não pode ser verdadeira, da mesma forma como as representações da vida humana encontradas nos livros dos cômicos não possuem realidade. Essas coisas não querem ser falsas e não o desejam de forma alguma. Mas elas foram forçadas, por um tipo de necessidade, a seguir a vontade do artista. Na verdade, Rócio, em cena, representava voluntariamente um falso Hécubo, enquanto que devia, ao natural, ser um homem. Mas, voluntariamente também, ele era um verdadeiro trágico, já que desempenhava o papel que ele havia escolhido. Ele era também um falso Príamo, quando imitava o Príamo que ele não era. Daí nasce uma maravilha que ninguém pode deixar de reconhecer.

Agostinho: __ Qual é ela?

Razão: __ Não é que essas coisas são em parte verdadeiras na medida em que são em parte falsas, que o falso só lhes serve para melhor estabelecer o verdadeiro e que, se elas deixam de ser falsas, elas não podem se tornar o que elas querem ou devem ser? De fato, como esse Rócio, que eu acabei de mencionar, seria um verdadeiro trágico, se ele não aceitasse ser um falso Heitor, um falso Andrômaco, um falso Hércules e tantos inumeráveis papéis que ele representou? Como uma pintura poderia ser verdadeira, se o cavalo que ela representa não fosse

falso? Como a imagem verdadeira da pessoa poderia aparecer em um espelho, se ela não fosse uma falsa pessoa? Mas porque, se algumas pessoas, para expressarem o verdadeiro, precisam empregar o falso, tememos tanto a falsidade e desejamos a verdade como o maior dos bens?

Agostinho: __ Eu ignoro e isso muito me espanta. Mas talvez seja por que, nesses exemplos, não haja nada que seja digno de nossa imitação. De fato, para desempenharmos verdadeiramente o papel de nossas vidas, qualquer que ele seja, não devemos __ como os histriões, como as imagens reproduzidas em um espelho e as vacas de latão de Míron __ recorrer e nos prestar a um papel estranho e nem, por consequência, procurar sermos falsos. Mas devemos perseguir essa verdade, que não tem duas faces diferentes, que não contradiz jamais a ela mesma e onde o verdadeiro não se mistura com o falso.

Razão: __ As coisas que você procura possuem um caráter grande e divino. Se, no entanto, conseguirmos encontrá-las, você não será obrigado a reconhecer que é delas que é formada e constituída essa verdade, cujo nome serve para designar tudo o que é considerado verdadeiro, de qualquer maneira que seja?

Agostinho: __ Concordo com isso sem dificuldade.

Capítulo 19

Razão: __ Agora, responda-me, a ciência da discussão é verdadeira ou falsa?

Agostinho: __ Quem duvida que ela seja verdadeira? E a gramática também é verdadeira.

Razão: __ Ela o é na mesma medida que a dialética?

Agostinho: __ Não vejo o que possa ser mais verdadeiro do que o verdadeiro.

Razão: __ Sem dúvida que é aquilo que não tem misturado nada de falso. Mistura que chocou você, quando examinou certas coisas que não podem ser verdadeiras sem serem ao mesmo tempo falsas. Você ignora que todas essas ficções e mentiras pertencem à gramática?

Agostinho: __ Eu não ignoro isso. Mas, como eu acho que não é a gramática que as torna falsas, ela se limita a mostrar o que elas são. De fato, a fábula é uma mentira criada para ser útil ou para agradar. A gramática, pelo contrário, é a arte de governar e organizar a voz articulada. Por uma necessidade de sua natureza, ela é forçada a recolher todas as ficções compostas nas línguas humanas e conservada pela memória e pela escrita. Não é ela a autora dessas coisas, mas ela estabelece, segundo elas, regras verdadeiras.

Razão: __ Está muito bem. Não vou examinar agora se as distinções e as definições que você acaba de fazer são exatas. Mas, eu te per-

gunto se é a própria gramática ___ ou melhor, a ciência da argumentação ___ que prova que elas o são.

Agostinho: ___ Eu não nego que o poder e a facilidade de definir, que eu utilizei para essas distinções, não pertençam à arte da discussão.

Capítulo 20

Razão: ___ A gramática, se ela é verdadeira, não é enquanto disciplina? O que chamamos disciplina vem do verbo *discere* (aprender) e significa regras que se aprendeu. Ora, não se pode dizer de ninguém que ele ignora o que aprendeu e reteve. Além disso, ninguém conhece o que é falso. Portanto, toda disciplina é verdadeira.

Agostinho: ___ Eu não vejo nada de mal fundamentado neste curto raciocínio. O que me perturba, no entanto, é o medo de que alguém conclua que as próprias fábulas sejam verdadeiras, pois nós as aprendemos e as retemos.

Razão: ___ O gramático que no-las ensinou não nos mandou aprendê-las sem acreditar nelas?

Agostinho: ___ Sim, ele nos pressionou muito para aprendê-las.

Razão: ___ Alguma vez ele insistiu para que déssemos fé no voo de Dédalo?

Agostinho: ___ De forma alguma eu nego esta verdade.

Razão: __ Você não pode então negar que aprendeu o verdadeiro, quando aprendeu esta fábula. De fato, se fosse verdadeiro que Dédalo tenha voado pelos ares e se isso fosse ensinado às crianças e entendido por elas como uma fábula, por isso mesmo lhes teria sido ensinado uma falsidade, já que lhes foi dado como fábula o que era verdadeiro. Acontece então que, o que vimos há pouco como extraordinário, a fábula do voo de Dédalo só pode ser verdadeira, se for falso que Dédalo tenha voado.

Agostinho: __ Eu compreendo isso, mas espero a consequência que podemos tirar disso.

Razão: __ Não é esta: rebater sua afirmação de que uma disciplina, se não ensina verdades, não é uma disciplina?

Agostinho: __ Como isso se aplica ao tema que tratamos?

Razão: __ Aqui está: eu quero saber de você o que faz com que a gramática seja uma disciplina. Pois, o que faz com que ela seja uma disciplina, faz com que ela seja verdadeira.

Agostinho: __ Eu não sei o que responder a você.

Razão: __ Não te parece que, se na gramática não houvesse nenhuma definição, nenhuma distinção e distribuição de gêneros e de partes, ela não poderia ser uma disciplina?

Agostinho: __ Compreendo agora o que você diz e minha mente não pode pensar em nenhuma ciência sem admitir nela definições, divi-

sões e raciocínios, que servem para determinar a natureza de cada coisa, para dar a cada um o que lhe pertence, sem confundir nada, sem nada lhe retirar do que lhe constitui, sem acrescentar nada do que lhe é estranho, enfim, tudo o que forma o que se chama de disciplina.

Razão: __ Não é tudo isso que a torna uma verdadeira disciplina?

Agostinho: __ Vejo que isto é uma consequência do que eu acabo de dizer.

Capítulo 21

Razão: __ Diga-me agora qual é a disciplina que ensina a definir bem, a dividir bem e a distinguir bem?

Agostinho: __ Foi reconhecido acima que é a disciplina da argumentação.

Razão: __ A gramática foi então constituída como disciplina e como coisa verdadeira por essa mesma disciplina da argumentação, já que você a defendeu acima de qualquer acusação de falsidade. Ora, o que eu digo da gramática eu poderia concluir igualmente de todas as disciplinas, pois você admitiu __ e com razão __ que você não conhecia nenhuma disciplina que pudesse prescindir de definição e de divisão. Mas, se essas disciplinas são verdadeiras __ e, por isso mesmo, elas são disciplinas __ quem poderia negar que é pela própria verdade que elas são verdadeiras?

Agostinho: __ Estou pronto para admitir isso. Mas, uma coisa me preocupa. É que nós incluímos dentre essas disciplinas, a própria disciplina da argumentação. Eu penso que é mais esta última arte que é verdadeira pela verdade.

Razão: __ Esta observação é muito justa e prova a atividade de sua atenção. Mas você não negará, presumo, que essa disciplina da argumentação é verdadeira e é por isso mesmo que ela é uma disciplina.

Agostinho: __ É isto precisamente o que me perturba, pois observei que ela era também uma disciplina e que, por este motivo, devia-se considerá-la como verdadeira.

Razão: __ Mas, enfim, você acha que ela poderia ser uma disciplina, se ela não empregasse as divisões e as definições?

Agostinho: __ Não tenho nada a opor a você.

Razão: __ Mas, se é este seu ofício, ela é, por isso mesmo, uma verdadeira disciplina. Quem então se espantaria que a disciplina pela qual tudo é verdadeiro seja, ela mesma ou por ela mesma, verdadeiramente uma verdade?

Agostinho: __ Não vejo que me impeça de admitir sua opinião.

Capítulo 22

Razão: __ Fique atento então ao que me resta dizer.

Agostinho: __ Fale se você tem alguma coisa a me ensinar, que eu possa compreender e que eu seja levado a admitir.

Razão: __ Sabemos que uma coisa está em outra de duas maneiras diferentes. De uma primeira maneira, quando ela pode ser separada e transportada para outro lugar. Assim, este pedaço de madeira está neste lugar e o sol está no oriente. De um segunda maneira é quando uma coisa está tão unida ao sujeito que ela não pode ser separada dele. Assim acontece com a natureza e a forma que vemos neste mesmo pedaço de madeira; a luz, no sol; o calor, no fogo; a ciência, na alma; e muitas outras coisas semelhantes. Você pensa diferente?

Agostinho: __ Estas são antigas proposições que nos foram ensinadas e que estudamos com o maior empenho, desde os primeiros anos de nossa adolescência. Desta forma, como você me pergunta sobre este assunto, eu não posso deixar de admitir a verdade delas, sem nenhuma hesitação.

Razão: __ Sigamos em frente então. Você não concorda que o que é inseparável do sujeito não pode sobreviver se o sujeito não sobrevive?

Agostinho: __ Admito igualmente que isso é necessário. Mas, quem examinar a coisa com atenção reconhecerá que é possível que se o sujeito sobreviver, nem tudo o que está no sujeito sobrevive. A cor de nosso corpo pode se alterar pela doença, embora o corpo ainda não tenha perecido. No entanto, isso não ocorre com todas as propriedades do

sujeito, mas somente com aquelas que não são absolutamente necessárias para a sobrevivência do sujeito ao qual elas pertencem. Para que esta parede sobreviva, não é necessário que a vejamos com esta cor. Se ela embranquecer ou escurecer, por qualquer motivo, ela não deixará, no entanto, de ser chamada e de ser realmente uma parede. Mas, se ao fogo faltar calor, ele não é mais fogo e não podemos chamar de neve ao que for privado de brancura.

Capítulo 23

Agostinho: __ Quanto ao que você me perguntou __ se era possível que o sujeito, ao deixar de existir, o que está nele permanece __ quem é aquele que poderia concordar ou admitir uma proposição assim? Isto é totalmente contrário à verdade. É mesmo um absurdo que o que só pode estar no sujeito possa existir quando nem mesmo o sujeito existe.

Razão: __ Nós enfim encontramos o que procurávamos.

Agostinho: __ O que você está dizendo?

Razão: __ O que você ouviu.

Agostinho: __ O que!? Que é evidente que a alma é imortal?

Razão: __ Se o que você me disse é verdadeiro, a coisa é evidente. A menos que você pretenda que a alma, mesmo morrendo, continua a ser alma.

Agostinho: __ Eu jamais admitiria uma proposição assim e digo que, se a alma morre, ela não existe mais. E o que afirmaram alguns grandes filósofos, que a substância que dá a vida por toda parte onde ela se mostre não pode ser sujeita à morte, não está longe do que eu penso. Embora a luz ilumine todos os lugares por onde ela pode penetrar e não possa admitir nela as trevas __ por causa da força poderosa que tem o princípio dos contrários __ ela está sujeita à extinção e o lugar que ela iluminou se torna escuro. Assim, essa luz, que resistia às trevas e que não se misturava de nenhuma maneira, cedeu seu império, deixando de existir, como ela poderia fazer, ao se afastar. Eu posso então temer que a morte seja para o corpo o que as trevas são para os lugares, quando a alma se afasta dele, ou se extingue como a luz? Então, longe de estar em segurança contra a morte do corpo, seria preciso desejar uma espécie de morte que o separasse da alma viva e a conduzisse para um lugar onde ela não pudesse se extinguir, se é que existe um lugar assim. Ou então, se isso for impossível, se a alma é como uma luz que se acende no corpo e não pode existir em outro lugar, se toda morte é a extinção dessa alma ou da vida nesse corpo, é preciso escolher, na medida em que a condição humana o permita, um gênero de vida em que essa existência, por mais curta que possa ser, passe com segurança e tranquilidade. Ignoro, todavia, como isso seria possível se a alma tivesse que morrer. Felizes aqueles que estão convencidos __ por eles mesmos ou por

uma autoridade qualquer ___ de que a alma não é algo a se temer, mesmo que a alma morra! Quanto a mim, infeliz! Nenhuma razão, nenhum livro pôde me convencer disso ainda.

Capítulo 24

Razão: ___ Pare de se lamentar! A alma humana é imortal.

Agostinho: ___ Como você prova isso?

Razão: ___ Pelos princípios com os quais você concordou comigo agora há pouco e, eu acho, depois de um exame amadurecido.

Agostinho: ___ Não me lembro de ter respondido rapidamente a nenhuma de suas questões. Mas, resume, por favor. Vejamos aonde chegamos depois de tantas voltas e não me interrogue mais. Se você se limitar a lembrar as coisas com as quais eu concordei, por que esperar de mim novas respostas? Seria para retardar inutilmente minha felicidade? Se é que fizemos alguma feliz descoberta.

Razão: ___ Farei o que você deseja, mas preste bem atenção.

Agostinho: ___ Fale, estou atento. Por que me atormentar desta maneira?

Razão: ___ Se o que existe em um sujeito não pode deixar de existir, o próprio sujeito, por uma consequência necessária, não pode deixar de existir. Ora, toda disciplina está na alma humana como no sujeito. É, então, necessário, que a alma humana exista para sempre, se a disciplina

deve existir para sempre. Mas a disciplina não é outra coisa além da verdade e a verdade, como a razão nos provou no começo deste livro, deve existir para sempre. A alma deve, portanto, existir para sempre e não pode, portanto, morrer. E, para negar com alguma razão a imortalidade da alma, seria preciso que, dentre os princípios colocados acima, nada está solidamente estabelecido.

Capítulo 25

Agostinho: __ Sou tentado a me abandonar à alegria, mas, dois motivos ainda me contém. O que mais me impressiona é que fizemos um longo circuito e seguimos não sei que cadeia de raciocínios, quando era possível demonstrar muito brevemente, como acabamos de fazer, toda a proposição que era preciso estabelecer. Assim, o que me preocupa é que a arte da argumentação nos levou por tantas voltas, como que para nos pregar peças. Depois, não vejo como se pode dizer que a disciplina está sempre na alma, sobretudo a disciplina da argumentação, quando um número muito pequeno a conhece e aqueles mesmos que a conhecem a aprenderam muito tempo depois de nascidos. Pois não podemos dizer que as almas dos ignorantes não sejam almas e que a disciplina que eles ignoram esteja em suas almas. E, se estas duas proposições são totalmente absurdas, segue-se que a verdade não está sempre na alma ou que a disciplina da argumentação não é esta verdade.

Capítulo 26

Razão: __ Veja que o raciocínio não nos conduziu inutilmente através de tantas voltas. De fato, pesquisamos o que é a verdade e, até o momento, após termos percorrido tantos caminhos, que nos levaram através do labirinto das coisas, não podemos nos gabar de termos conseguido encontrá-la. Mas, o que faremos? Abandonamos a empreitada e esperamos que um livro qualquer nos caia nas mãos e responda nossa questão? Pois há, eu acho, um grande número deles que foi composto antes de nós e que não lemos. Mesmo em nossos dias, só para nos limitarmos a simples suposições, sabemos que eles foram escritos sobre este tema, tanto em prosa como em versos; escritos por pessoas cujos escritos não podemos ignorar e cujos gênios nos são tão conhecidos, que não teríamos dificuldades para encontrar em suas obras o que procuramos. Não vemos aqui mesmo, esse grande homem, que fez reviver em toda sua perfeição a eloquência, que considerávamos morta antes que ele publicasse? Após nos ter ensinado com seus escritos a maneira de viver, ele nos deixaria ignorar a natureza da vida?²⁶

Agostinho: __ Não creio e conto muito com sua ajuda. O que mais me preocupa é não poder mostrar-lhe, como eu gostaria, nosso afeto por ele e pela verdade. Sem dúvida ele teria compaixão de nossa

²⁶ Há poucas dúvidas de que se trata aqui de Santo Ambrósio e seu livro *De Officiis Ministrorum*, inspirado por *De Officiis*, de Cícero.

sede pela verdade e a saciaria o mais cedo possível. Ele está em paz, pois está completamente convencido da imortalidade da alma. Ele não sabe que talvez haja pessoas que conheceram muito a infelicidade de ignorar essa verdade e que seria cruel não socorrê-las, sobretudo quando elas pedem socorro. Ele conheceu na intimidade nosso amor pela verdade, mas está tão distante de nós e estamos em uma situação tal que dificilmente poderíamos nos comunicar por cartas. Penso que no tempo livre que ele teve do lado de lá dos Alpes ele terminou o poema destinado a dissipar o medo da morte, o entorpecimento e o frio mortal que atingiu por tanto tempo a alma. Mas, antes da chegada do socorro __ o que não está em nosso poder __ não é vergonhoso perder assim nosso tempo e deixar nossa própria alma presa e como que acorrentada à incerteza de vontades estranhas?²⁷

Capítulo 27

Agostinho: __ Onde estão as preces que dirigimos a Deus, que ainda dirigimos? Não para que nos conceda riquezas, volúpias do corpo, as estimas e as honras populares, mas para que nos abra o caminho e nos ajude a conhecer nossa natureza e a natureza divina. Ele nos abandonaria assim ou fomos nós que o abandonamos?

²⁷ Zenóbio, a quem são dirigidos livros sobre a Ordem e a segunda das cartas de Santo Agostinho, era digno dessa homenagem, pelo seu saber e pelo seu talento para a poesia. Não nos ficou nada dele, mas parece que ele compôs várias obras. Entre elas uma sobre a Ordem, a qual, a de Santo Agostinho, sobre o mesmo assunto, serve de resposta e de suplemento.

Razão: __ Ele está muito longe de abandonar aqueles que suspiram por tais conhecimentos. Assim, devemos expulsar a ideia de abandonar esse guia. Relembremos então um pouco, se isto te convém, o que serviu para estabelecer essas duas proposições: que a verdade deve existir sempre e que a disciplina da argumentação é a verdade. Você disse, de fato, que estas duas consequências o faziam hesitar e nos impediam de estarmos perfeitamente certos sobre a própria tese. Você quer que primeiro pesquisemos como a disciplina pode existir na alma de um ignorante; de um ignorante que, no entanto, não podemos deixar de chamar de alma? Esta consideração pareceu abalá-lo e forçá-lo a duvidar novamente de tudo com o qual você havia concordado.

Agostinho: __ Pelo contrário. Examinemos primeiro aquilo com o qual eu concordei. Veremos em seguida o que é preciso pensar sobre esta última dificuldade. Feito isso, não haverá mais nada de controverso para elucidar, eu acho.

Razão: __ Seja! Mas escute com a maior prudência. Eu sei o que acontece quando você fica atento. Ocupado exclusivamente com a conclusão e desejoso de chegar a ela o mais rápido possível, você não examina com muito cuidado e concorda muito açodadamente com o que lhe pedem.

Agostinho: __ Talvez o que você diga seja verdade. Mas me esforçarei para lutar com todo meu poder contra este tipo de doença. Comece a me interrogar e não percamos mais tempo.

Capítulo 28

Razão: __ Eis __ na medida em que eu me lembro __ como concluímos que a verdade não pode perecer. Se o mundo inteiro __ dissemos __ e a própria verdade percessem, seria verdadeiro que o mundo e a verdade perecem. Ora, não há nada de verdadeiro sem a verdade. A verdade não pode, portanto, perecer.

Agostinho: __ Admito esta definição e ficaria muito surpreso se ela fosse falsa.

Razão: __ Passemos agora a outra.

Agostinho: __ Permita-me examinar ainda por alguns instantes a primeira, para não ser obrigado a retornar de novo vergonhosamente a este ponto.

Razão: __ Não será então verdadeiro que a verdade pereceu? Se isso não for verdadeiro, ela então não pereceu. Se isso for verdadeiro, como, após o aniquilamento da verdade, poderá haver algo de verdadeiro, já que não haverá mais verdade?

Agostinho: __ Eu não preciso pensar e nem refletir nisso por mais tempo. Passemos para outra coisa. Faremos, certamente, se pudermos,

que pessoas dotas e hábeis leiam o que acabamos de dizer e corrijam nossa imprudência, se houver alguma. Eu não vejo como __ nem agora e nem nunca __ se possa descobrir algo de contrário ao que acabamos de formular.

Capítulo 29

Razão: __ Não chamamos de verdade àquilo que torna verdadeiro tudo o que é verdadeiro?

Agostinho: __ Sem dúvida.

Razão: __ Não há razão para chamar de verdadeiro aquilo que não é falso?

Agostinho: __ Seria uma tolice duvidar disso.

Razão: __ O falso não é o que oferece a semelhança com outra coisa, sem ser, no entanto, a própria coisa com a qual ele se parece?

Agostinho: __ Não vejo nada que mereça mais a designação de falso. No entanto, chama-se igualmente falso o que está muito distante de se parecer com o verdadeiro.

Razão: __ Quem nega isso? Mas acrescente-se que esse falso traz nele alguma imitação do verdadeiro.

Agostinho: __ Como? Quando se diz que Medeia voou pelos ares, sustentada por serpentes aladas, essa ficção não imita de forma alguma

o verdadeiro, pois ela não tem nenhuma existência. O que não existe de forma alguma não pode imitar nada.

Razão: __ O que você diz é exato. Mas você não observa que se pode mesmo chamar de falsa uma coisa que não existiria de forma alguma. Se uma coisa é falsa, ela existe; se ela não existe, ela não é falsa.

Agostinho: __ Não diremos então que esse estranho prodígio atribuído à Medeia é falso?

Razão: __ Não, sem dúvida. Pois, se ele é falso, como ele pode ser um prodígio?

Agostinho: __ Isto me espanta. Quando eu ouço Media dizer: “Atrelo à minha carruagem imensas serpentes aladas”²⁸; não é uma falsidade o que eu ouço?

Razão: __ Sem dúvida que é. Pois há uma coisa que você pode chamar de falso.

Agostinho: __ O que é? Eu lhe pergunto.

Razão: __ A própria proposição expressa neste verso.

Agostinho: __ Mas que semelhança ela oferece com o verdadeiro?

Razão: __ Por que não se expressaria de forma diferente, se Medeia realmente tivesse feito o que disse. Assim, uma proposição falsa imita, através da expressão, as proposições verdadeiras. Se não acreditarmos nela, ela imita apenas as proposições verdadeiras, através da

²⁸ CÍCERO. *De Inventione*, 1, 19, 27.

semelhança da expressão, sendo assim, falsa e não enganosa. Se, pelo contrário, acreditarmos nela, ela imita também aquelas que se acredita sejam verdadeiras.

Agostinho: __ Compreendo agora que há uma grande diferença entre o que dizemos e as coisas que falamos. Também dou minha concordância ao que você acaba de dizer, pois a única consideração que me retinha era que só podemos chamar de falso ao que oferece alguma imitação do verdadeiro. Não riríamos com razão de alguém que ousasse dizer que a pedra é uma falsa prata? Se, no entanto, alguém dissesse que a pedra é de prata, diríamos que isso é falso, ou seja, que essa proposição é falsa. Com relação ao estanho e o chumbo, com razão, creio, os chamamos de prata falsa, pois eles oferecem alguma semelhança com o este metal. O que é falso então, não é nossa proposição, mas seu objetivo.

Capítulo 30

Razão: __ Você compreendeu bem. Mas, você acha conveniente chamar a prata de falso chumbo?

Agostinho: __ Creio que não.

Razão: __ Por quê?

Agostinho: __ Não sei nada sobre isso. Tudo o que posso dizer é que minha vontade é totalmente contrária a esta expressão.

Razão: __ Não seria por que a prata é mais perfeita do que o chumbo e isso pareceria um rebaixamento, enquanto que se faz um tipo de homenagem ao chumbo, ao chamá-lo de prata?

Agostinho: __ Você explicou o que eu queria dizer. É por isso, eu acho, que o direito considera como infames e incapazes de testemunhar, os homens que se vestem de mulher. Não sei o que seria melhor: chamá-los de falsas mulheres ou falsos homens, mas podemos, sem nenhuma dúvida, considerá-los como verdadeiros histriões e como homens verdadeiramente infames. Se eles não são reconhecidos e só se possa chamar de infames aqueles que obtiveram uma reputação vergonhosa, permanecemos, no entanto, eu acho, na verdade, ao chamá-los de verdadeiros debochados.

Razão: __ Chegará o momento de tratar desta questão. Muitas ações possuem um lado vergonhoso, quando vistas exteriormente e que podem ser honradas, de acordo com o fim louvável para o qual elas se destinam. É um grande problema saber se um homem, para salvar sua pátria, pode vestir uma roupa de mulher, enganar seu inimigo e se mostrar tão homem quanto foi uma falsa mulher e se um sábio __ que o seria certamente, de qualquer maneira e cuja vida é necessária para o bem da humanidade __ deveria preferir morrer de frio, a vestir roupas de mulher, se não houvesse outras.

Mas, como acabo de dizer, trataremos desta questão em outro lugar. Você percebeu, sem dúvida, o quanto ela precisou ser aprofundada e estendida, até onde devem ser este tipo de questão, para não favorecer minimamente torpezas indesculpáveis. Quanto à questão que nos ocupa neste momento, me parece que ela está suficientemente esclarecida e que não se pode duvidar que não é falso sem alguma imitação do verdadeiro.

Capítulo 31

Agostinho: __ Passe para outra coisa, pois estou totalmente convencido dessa verdade.

Razão: __ Eu te pergunto então se, independentemente das disciplinas que aprendemos quando jovens __ e que dentre as quais deve constar o estudo da filosofia __ podemos encontrar alguma coisa de verdadeiro e que não seja como o Aquiles do teatro, que é em parte falso, para poder ser em parte verdadeiro?

Agostinho: __ Eu creio que podemos encontrar um grande número desse tipo de coisas. Não são as disciplinas elementares que nos fazem conhecer esta pedra, por exemplo. No entanto, para ser uma verdadeira pedra, ela não imita nenhum outro objeto, o que permitiria chamá-la de falsa. Você vê que este único exemplo dispensa a citação de um

número infinito de outros que se apresentam espontaneamente ao pensamento.

Razão: __ Eu vejo, mas, você não acha que se pode dizer que todos esses objetos são corpos?

Agostinho: __ A coisa me pareceria assim, se eu considerasse o vácuo como não sendo nada ou se eu pensasse que a alma pode ser considerada como um corpo ou se eu acreditasse que o próprio Deus é um corpo. Mas, se todos esses seres existem, eu vejo que eles não são nem verdadeiros e nem falsos pela imitação.

Razão: __ Você me joga para bem longe. Mas tomarei, se puder, um caminho mais curto. O que você chama de vácuo difere certamente do que você chama de verdade.

Agostinho: __ A diferença é grande e o que haveria de mais vazio do que eu, se eu considerasse a verdade como uma coisa vazia ou se eu desejasse tão vivamente uma coisa sem realidade? O que eu desejei descobrir, com efeito, se não foi a verdade?

Razão: __ Você concordará comigo, sem dúvida, que não pode haver nada de verdadeiro que não se tornou verdadeiro pela verdade.

Agostinho: __ Já consideramos isso evidente.

Razão: __ Agora, você duvida de que só há o vácuo e os corpos?

Agostinho: __ Não duvido disso.

Razão: __ Eu penso então que você vê a verdade como um corpo.

Agostinho: __ De forma alguma.

Razão: __ O que há então em um corpo?

Agostinho: __ Eu ignoro e isso não acrescenta nada à questão, pois eu creio que você sabe ao menos que se o vácuo existe, ele é maior onde não há corpo.

Razão: __ Isso é evidente.

Agostinho: __ Por que então paramos aqui?

Razão: __ Você acredita que a verdade tenha criado o vácuo ou que possa haver alguma coisa de verdadeiro onde a verdade não está?

Agostinho: __ Não, não creio.

Razão: __ O vácuo não é, portanto, verdadeiro, pois um ser que não é ele mesmo o vácuo não pode criar o vácuo. Por outro lado, é evidente que aquilo que não possui a verdade não é verdadeiro e o que é designado pela palavra vácuo é chamado assim por que não é nada. Como pode ser verdadeiro aquilo que não é nada ou como pode existir o que não tem nenhuma realidade?

Agostinho: __ Deixemos então o vácuo como alguma coisa de vazio.

Capítulo 32

Razão: __ O que você pensa dos outros seres?

Agostinho: __ Sobre o que você pergunta?

Razão: __ Sobre o que sabe de mais favorável à minha causa, pois resta falar da alma e de Deus e se estes dois seres são verdadeiros por que a verdade existe neles, alguém que não duvide da eternidade de Deus e da alma deve ser igualmente visto como imortal, se provarmos que a verdade que não pode perecer existe também nele. É por isso que examinamos esta questão por último. O corpo não é verdadeiramente verdadeiro, ou seja, a verdade não está nele, mas somente alguma imagem da verdade? Pois, se o próprio corpo __ que, sem nenhuma dúvida, está sujeito à morte __ é verdadeiro, como são verdadeiras as disciplinas, a disciplina da argumentação não será mais a disciplina que os torna todos verdadeiros, já que ela não parece ter formado esse corpo que é verdadeiro. Mas, se ele só é verdadeiro por imitação e, por consequência, ele não é inteiramente verdadeiro, nada talvez impeça de admitir que a disciplina da argumentação seja a verdade.

Agostinho: __ Examinemos, no entanto, o que é o corpo e quando esta questão estiver bem esclarecida, talvez esta controvérsia ainda não esteja ainda terminada.

Razão: __ Como você pode saber da vontade de Deus? Seja mais atento. Eu penso que todo corpo é composto de forma, de uma figura. Se ele não a tivesse, ele não seria corpo e se ela fosse verdadeira, ele seria espírito. Deve-se pensar de forma diferente?

Agostinho: __ Concordo em parte como que você disse, mas duvido do resto. Concordo que um corpo não pode existir se ele não tiver uma figura, mas não compreendo como ele seria espírito se ele tivesse uma figura verdadeira.

Razão: __ Você se esqueceu então do início do primeiro livro e das figuras de geometria?

Agostinho: __ Você tem razão em me lembrar disso. Eu me lembro muito bem e com prazer.

Razão: __ Encontramos nos corpos as mesmas figuras que essa disciplina considera?

Agostinho: __ Não se poderia acreditar, pelo contrário, no quanto elas são menos perfeitas.

Razão: __ Quais então, você acredita que são verdadeiras?

Agostinho: __ Não pense, por favor, que seja necessário me fazer ainda esta pergunta. Quem teria a mente tão cega a ponto de não ver que as figuras geométricas estão na própria verdade ou que a verdade está nelas? Ao contrário das figuras do corpo, precisamente por que elas parecem se aproximar das figuras geométricas, apresentarem não sei que de imitação do verdadeiro e serem, por consequência, falsas. Compreendo agora tudo o que você quis me fazer compreender.

Capítulo 33

Razão: __ O que é preciso falar ainda da disciplina da argumentação? De fato, que as figuras geométricas estejam na verdade e que a verdade esteja nelas, ninguém duvida. Ninguém duvida também que elas estejam em nossa alma, ou seja, em nosso intelecto. Por consequência, a verdade existe também, necessariamente, em nossa alma. Ora, se cada disciplina está em nossa alma como em um sujeito, do qual é inseparável e se, por outro lado, a verdade não pode perecer, como podemos, eu te pergunto, duvidar da vida imortal da alma, embora enganados por não sei que familiaridade com a ideia de morte? Esta linha, este quadrado ou este círculo precisam imitar alguma outra coisa para serem verdadeiros?

Agostinho: __ Não posso imaginar, pois seria preciso supor que a linha seja outra coisa além de um comprimento sem largura e o círculo outra coisa além de uma linha curva cujos pontos estão igualmente distanciados do centro.

Razão: __ Por que então hesitar? Onde existem esses conhecimentos, não existe a verdade também?

Agostinho: __ Deus não permita que eu acredite numa tolice dessas.

Razão: __ A disciplina não está na alma?

Agostinho: __ Quem ousaria negar isso?

Razão: __ Mas, se o sujeito perecer, o que está no sujeito pode existir?

Agostinho: __ Quem poderia me convencer disso?

Razão: __ Resta supor que a verdade pode perecer?

Agostinho: __ Como isso seria possível?

Razão: __ A alma é, portanto, imortal. Creia, enfim, em seus próprios argumentos. Creia na verdade. Ela grita que está em você, que é imortal e que a morte do corpo não pode afastá-la de seu lar. Não se deixe mais seduzir por sua sombra. Volte-se para você mesmo. Você não tem outra morte para temer além do esquecimento de que não pode morrer.

Agostinho: __ Eu ouço você, eu me volto para mim mesmo, eu começo a me recolher. Mas eu te peço que me explique o que resta ainda para ser esclarecido. Com a disciplina e a verdade podem existir na alma de um ignorante, que não podemos considerar como mortal?

Razão: __ Esta questão forneceria material para um outro tratado, se você quiser examiná-la com exatidão. Eu penso que é melhor para você repassar os pontos que acabamos de esclarecer da melhor forma que pudemos. Se não houver mais nenhuma dúvida sobre todas as proposições acordadas, eu creio que nosso trabalho foi muito útil e que podemos nos dedicar com grande segurança a novas pesquisas.

Capítulo 34

Agostinho: __ A coisa é como você diz e obedeco de boa vontade aos seus conselhos. Mas, pelo menos, eu te peço, antes de terminar este livro, me explique em poucas palavras a diferença que há entre a figura verdadeira que o intelecto concebe e a que se forma na imaginação e que é chamada pelos gregos de *phantasia* ou *phantasma*.

Razão: __ Você procura o que só pode ser percebido pelo espírito mais puro e que você ainda não é capaz de sustentar com a visão. Assim, o objetivo de nosso longo circuito foi exercitar sua mente para dispô-lo a contemplar essa verdade. É possível, no entanto, que eu consiga de mostrar brevemente e de uma maneira fácil a grande diferença dessas duas maneiras de conceber. Suponha que você se esqueceu de alguma coisa e que deseja que outras pessoas lhe refresquem a memória. Elas te dizem: “É isto? É aquilo?” E enumeram diversos objetos semelhantes. Mas você não vê o que deseja se lembrar, mas vê, no entanto, que não são as coisas que são enumeradas. Quando este fenômeno se apresenta, podemos dizer que houve um esquecimento completo? Este discernimento, que o faz rejeitar como falso o que é proposto, não é uma espécie de lembrança?

Agostinho: __ A coisa me parece assim.

Razão: __ Da mesma forma, não se vê ainda o verdadeiro, mas, no entanto, não se pode ser enganado e nem induzido ao erro e se sabe

distintamente o que se procura. Mas se alguém te disser que você riu poucos dias depois de seu nascimento, você não ousará dizer que isso é falso. Se essa pessoa for digna de fé, você não se lembrará, mas acreditará. Essa idade tenra foi sepultada por você no mais profundo esquecimento. Não concorda com o que eu disse?

Agostinho: __ Estou completamente de acordo.

Razão: __ Este último esquecimento é então bem diferente do primeiro, que ocupa um meio termo. Há, de fato, outra espécie de esquecimento, que se aproxima muito da lembrança e do reconhecimento da verdade. Eis um exemplo: vemos uma coisa e nos lembramos com certeza de já tê-la visto e conhecido, mas onde, como quando e junto a quem, tivemos esse conhecimento? É o que tentamos nos lembrar. Se se tratar de uma pessoa, procuramos nos lembrar de onde a conhecemos. Se nos lembramos, subitamente a coisa se espalha como uma luz em nossa memória e não temos mais que nos esforçar para lembrar. Você não conhece este tipo de lembrança ou duvida dela?

Agostinho: __ Não há nada de mais claro. Nada que eu não experimente com frequência.

Capítulo 35

Razão: __ Assim são as mentes bem formadas nas artes liberais. Essas artes são tiradas delas mesmas pelo estudo. É como se elas esti-

vessem enterradas no esquecimento e desenterradas de alguma forma²⁹. No entanto, elas não ficam satisfeitas e só param quando veem clara e completamente a própria verdade, cujo esplendor velado já se deixa entrever nas disciplinas. Mas, dessas próprias disciplinas se destacam como que cores e formas que se confundem no espelho do pensamento. Elas enganam e vagam nas meditações. Acredita-se ver aí tudo o que se sabe ou tudo o que se procura. Mas são ilusões que devem ser evitadas com todo cuidado. O que prova sua falsidade é que elas variam com o espelho do pensamento, enquanto que a imagem da verdade permanece única e imutável. Assim a imaginação representa e coloca, de alguma forma, diante dos olhos, um quadro deste ou daquele esplendor. Mas que a mente interior, que quer ver o verdadeiro, volte sua atenção, se puder, rumo ao princípio que faz avaliar que essas figuras são quadros.

Agostinho: __ E se nos dissessem que a mente só julga isso segundo o relatório do olho?

Razão: __ Por que então ela julga, se sabe que uma esfera verdadeira, por maior que seja, só é tocada em um ponto, por uma superfície verdadeiramente plana? Provavelmente o olho jamais viu e jamais verá algo assim, já que até mesmo a imaginação não conseguiria representar isso. Não experimentamos essa impotência, quando imaginamos um círculo infinitamente pequeno, com linhas que vão da circunferência até

²⁹ Cf. *Revisões*. Livro I, cap. IV, seção 4.

o centro? Delas tiramos duas próximas o suficiente apenas para mal dar passagem à ponta de uma agulha. Não é verdade que a própria imaginação não pode então representar outras linhas intermediárias que possam chegar até o centro, sem se tocar? No entanto, a razão nos diz que se pode conduzir inumeráveis delas, que nesse espaço incrivelmente estreito elas só se tocarão no centro e que se poderia ainda colocar um círculo no intervalo que separa cada uma delas. Sendo a imaginação incapaz de representar nada parecido e se mostrando mais impotente do que os próprios olhos __ pois são eles que dão origem a isso __ é evidente que ela difere muito da verdade e que não se vê uma, quando se vê a outra³⁰.

Capítulo 36

Razão: __ Explicaremos isso com mais cuidado e detalhes, quando tratarmos do intelecto. Pensamos em fazê-lo quando tivermos esclarecido e demonstrado o que nos preocupa ainda no tocante à sobrevivência da alma. De fato, você teme, eu acho, que a morte do ser humano, mesmo não destruindo a alma, destrua todo seu conhecimento e mergulhe no esquecimento toda a verdade que ele conseguiu descobrir.

Agostinho: __ É difícil expressar o quanto uma infelicidade assim é de se temer. Como seria triste essa imortalidade ou como seria prefe-

³⁰ É, de fato, uma distinção muito importante estabelecida aqui por Santo Agostinho, entre a imaginação e a contemplação intelectual. É isto o que faz com que muitas pessoas se afastem da filosofia. Muito habituadas a imaginar, elas não conseguem compreender.

rível a morte, se a alma estivesse condenada a viver como a vemos viver na criança recém-nascida ou até mesmo naquela que está no ventre da mãe, pois há vida ali!

Razão: __ Tenha total confiança de que Deus virá em nossa ajuda. Nós já o experimentamos e ele já nos ajudou em nossas pesquisas. É ele que nos promete, após esta vida terrestre, uma vida bem-aventurada, onde a verdade se mostrará a nós, sem nenhum véu e sem nenhuma mistura com o erro.

Agostinho: __ Que nossa esperança não se decepcione.



Créditos

Soliloquiorum

© 387: Aurelius Augustinus Hipponensis

© 2017: Teodoro Editor. Niterói – Rio de Janeiro – Brasil.

Traduzido de *Les Soliloques*, tradução anônima do latim, revista e corrigida pelo Abade Raulx in *Œuvres complètes de Saint Augustin*, Bar-Le-Duc: Poujoulat et Raulx, 1864. .

Conteúdo

Solilóquios	2
Introdução	2
1	2
2	3
3	4
4	5
Livro I	6
Capítulo 1	6
Capítulo 2	7
Capítulo 3	9
Capítulo 4	11
Capítulo 5	13
Capítulo 6	15
Capítulo 7	16
Capítulo 8	18
Capítulo 9	20
Capítulo 10	22
Capítulo 11	24
Capítulo 12	25
Capítulo 13	27
Capítulo 14	28
Capítulo 15	29
Capítulo 16	31
Capítulo 17	33
Capítulo 18	35
Capítulo 19	36
Capítulo 20	38
Capítulo 21	40
Capítulo 22	42
Capítulo 23	43

Capítulo 24	45
Capítulo 25	46
Capítulo 26	47
Capítulo 27	48
Capítulo 28	50
Capítulo 29	52
Capítulo 30	53
Livro II	55
Capítulo 1	55
Capítulo 2	58
Capítulo 3	60
Capítulo 4	62
Capítulo 5	63
Capítulo 6	65
Capítulo 7	66
Capítulo 8	67
Capítulo 9	69
Capítulo 10	70
Capítulo 11	71
Capítulo 12	73
Capítulo 13	74
Capítulo 14	76
Capítulo 15	77
Capítulo 16	79
Capítulo 17	80
Capítulo 18	81
Capítulo 19	84
Capítulo 20	85
Capítulo 21	87
Capítulo 22	88
Capítulo 23	90
Capítulo 24	92
Capítulo 25	93

Capítulo 26	94
Capítulo 27	95
Capítulo 28	97
Capítulo 29	98
Capítulo 30	100
Capítulo 31	102
Capítulo 32	104
Capítulo 33	107
Capítulo 34	109
Capítulo 35	110
Capítulo 36	112
Créditos	114
Conteúdo	115